

AGREVE DOS 250 MIL



A greve continua em Osasco: foi o que decidiram os metalúrgicos daquela cidade, mesmo depois que o Tribunal Regional do Trabalho fixou os índices de reajuste salarial para 1978. Há expectativa de que o mesmo aconteça em São Paulo, apesar do conchavo que Joaquim dos Santos Andrade, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, fez com os patrões e o TRT para desmoralizar as paralisações, em troca de uma mixaria de aumento e do desconto das conquistas salariais das greves anteriores de maio e junho. Contudo, na capital é imprevisível se o movimento manterá ou não o fôlego inicial.

Agora, os metalúrgicos tratam de avançar na organização dos Comandos Regionais e do Comando Geral da Greve, com representantes indicados nas fábricas e nas sete regiões fabris da cidade. O movimento operário está em quatro páginas desta edição, de 5 a 8.

em tempo de cultura nº 1

Antônio Cândido
Gofredo Telles Neto
Maria Rita Kehl
Valderez Amorim
Jean Claude Bernadet
Raquel Moreno
João Silvério Trevisan
Inês Castilho
Edélcio Mostaço
César A. de Carvalho
Roniwalter Jatobá

"Dancin' Days"
Universidade
Cinema brasileiro
Literatura
Homossexualidade
Feminismo
Movimentos negros
A organização
dos professores



CAJÁ EXPLICA SUA PRISÃO E SUA LIBERDADE

“Minha prisão esteve vinculada ao contexto de minha própria vida como participante do movimento estudantil e como pessoa que participa também dos trabalhos pastorais da Arquidiocese de Olinda e Recife”.

A declaração é de Edval Nunes da Silva - o Cajá-, libertado no último dia 31, depois de 173 dias de prisão. Em entrevista exclusiva a EM TEMPO, ele confirma o processo de torturas físicas e psicológicas que teve de enfrentar na Polícia Federal, analisa as causas de sua prisão e o sentido do amplo movimento pela sua libertação. Pág. 3.

ELEIÇÕES: 15 de novembro está aí. Como votar? Pág. 4



Sergio Sbragia

OPOSIÇÃO NAS RUAS.

Cerca de mil soldados da PM armados até os dentes, cães policiais e “brucutus”. Este o esquema montado para liquidar com a caminhada eleitoral oposicionista, no Rio de Janeiro, na última terça-feira. Afora a repressão desencadeada pelo governo, a própria direção do MDB carioca - dominada por Chagas Freitas - tudo fez para impedir a manifestação; mas o apoio popular deu força para que os candidatos combativos dessem seus recados contra a ditadura e contra o chaguismo. Pág. 2

Custo de Vida:
agora a ligação
entre o bairro
e a fábrica. Pág. 6

Vlado Herzog:
sentença judicial
abre brecha para
a Anistia?

ESPAÑHA:
As Comissões
operárias e
o novo poder. Pág. 7

TODA FORÇA NA LUTA PELA ANISTIA

Zizinha

A morte no exílio

Georgina Pereira da Silva, a Zizinha, mineira, nascida há 60 anos em São Pedro de Jequitinhonha, morreu recentemente em Lund, na Suécia. Exilada desde 1970, reencontrou-se no Chile, nesse mesmo ano com o marido, o operário metalúrgico Ubaldino Pereira da Silva, banido por decreto do governo Médici. Ubaldino, o "velo" Baldino, como carinhosamente o chamavam os companheiros de luta no exílio, foi trocado junto com 69 outros presos políticos pelo embaixador suíço no Brasil, então sequestrado.

Costureira de profissão, ela trabalhou em várias fábricas de confecções e nos últimos quatro anos, no exílio na Suécia, reconstituiu tecidos para o Museu Histórico de Lund Kulturen. Participante ativa na luta pelos direitos

da mulher foi presidente do Comitê Brasileiro de Mulheres Democráticas, na Suécia. Seu corpo foi velado por companheiros suecos e latino-americanos e como última homenagem a bandeira brasileira foi colocada sobre a urna funerária.

A cerimônia de cremação do corpo foi realizada no dia 14 de setembro no cemitério de Lund. Conforme era seu desejo, expresso aos familiares, suas cinzas deverão ser conservadas no exílio até que a anistia permita o regresso de todos os brasileiros que se encontram fora do país, perseguidos pelo regime. Ainda no Brasil, quando o marido Ubaldino se encontrava no presídio Tiradentes, Zizinha também foi presa, perseguida e torturada. Enfrentou a repressão com plena dignidade. Até a morte

Para que a luta pela anistia avance ainda mais, e para que os seus núcleos se fortaleçam, é da maior importância a prática do plano de ação comum a ser fixado agora em São Paulo.

A questão da anistia ganha nesta semana um novo alento. Superando as dificuldades inerentes a um movimento incipiente, os diversos núcleos que existem hoje no Brasil com vistas a levar adiante a luta pela anistia realizam em São Paulo o seu primeiro Congresso Nacional, nos dias 1, 2, 3 e 4. A simples realização do Congresso já é por si só uma importante vitória, pois indica que estes núcleos entram agora numa fase que pode ter como desdobramento a superação da sua atomização, o que representará um grande passo para a unificação política destes núcleos, e - no futuro - para a unificação orgânica.

Desde que surgiu no Brasil o Movimento Feminino Pela Anistia, há cerca de três anos, esta bandeira tem empolgado gradativamente novos setores da sociedade, e hoje já adquire uma consistência política expressa tanto na Carta de Salvador, aprovada por cerca de 20 núcleos, como na Carta de Princípios do CBA-SP. Hoje, estes movimentos proclamam claramente que a anistia a ser conseguida tem que ser ampla e irrestrita. Afirmam a Carta do CBA-SP: "As formas incompletas, insatisfatórias, imperfeitas e parciais da anistia não atendem ao ideal da luta e nem configuram as liberdades democráticas". Já se viu também que "a anistia não deve estender-se aos alvos de sua vítima".

A estrutura do CBA-MG tem a seguinte composição: os grupos de base elegerão seus representantes para o Conselho de Representantes; este conselho de Representantes atuará ao lado da Diretoria, dando maior agilização e representatividade às decisões; a Assembleia geral soberana determinará a política geral do movimento. Haverá também um Conselho Consultivo composto por entidades e personalidades representativas, que deverá se reunir junto com a diretoria e o Conselho de Representantes. São os seguintes os membros da diretoria, eleitos por aclamação: Alberto Duarte, diretor da sucursal mineira de EM TEMPO (presidente), Helena Greco (vice-presidente), Geraldo Magela de Almeida (1º secretário), Padre Scarpa (2º secretário), Luis Eduardo Nascimento (1º tesoureiro), Cacilda Teixeira de Carvalho (2º tesoureiro).

Anistia e liberdades

Para estes núcleos, a questão da anistia não é um assunto que diz respeito apenas aos diretamente atingidos pelos atos de exceção e pela repressão do regime militar, mas a toda sociedade, particularmente as camadas sociais interessadas e comprometidas no fim deste mesmo regime. É por isto que CBAs como o de São Paulo congregam mais de 30 entidades de médicos, professores, estudantes, artistas, jornalistas e até mesmo entidades de trabalhadores.

Os núcleos têm consciência também de que a questão da anistia está intimamente ligada à conquista

ta das liberdades democráticas, razão pela qual levantam como bandeira a necessidade de se conquistar a liberdade de expressão, de associação, a autonomia sindical, o direito de greve e a liberdade de organização partidária. Tal compreensão já se transformou num acervo político incorporado aos diversos movimentos pela anistia.

Ação comum

Para que a luta pela anistia avance e para que os núcleos existentes se fortaleçam, é agora fundamental definir um plano concreto de ação comum, pois só assim é possível impulsionar o movimento. Neste sentido, a escolha de objetivos imediatos a serem atingidos e de alvos táticos a serem atacados será uma das grandes tarefas do primeiro Congresso Nacional.

Nele, a questão da nova Lei de Segurança Nacional terá necessariamente de se transformar num dos grandes pontos de discussão dos congressistas. Não só porque, com a nova Lei de Segurança, o governo pura e simplesmente ignorou a reivindicação de amplos setores por uma anistia ampla e irrestrita, como também porque tenta com esta nova lei esvaziar a luta pela anistia, fazendo algumas concessões secundárias, mas mantendo todo o seu arcabouço jurídico repressivo, deixando praticamente inócuas as medidas punitivas que só têm servido para afastar da via política importantes lideranças populares.

Espera-se do encontro uma posição firme perante a nova Lei de Segurança Nacional. E esta posição não pode ser outra senão a expressa na carta do CBA-SP, que reivindica a revogação da Lei de Segurança Nacional e o fim de todas as normas punitivas contra a atividade política. Não basta apenas definir uma posição firme. É fundamental ainda que o Congresso defina o que fazer diante esta nova investida do regime, mobilizando os setores da sociedade para se manifestarem em relação a ela, esclarecendo a opinião pública sobre quais são os intentos do governo.

Exemplo Herzog

Por outro lado, a questão dos mortos e dos "desaparecidos" vão exigir também uma atitude firme do Congresso. A iniciativa da família de Wladimir Herzog de processar o governo, e de ser vitoriosa nessa luta, abriu uma trilha pela qual pode ser tocado o problema dos "mortos e desaparecidos".

Levar o regime ao banco dos réus para que ele preste conta dos seus crimes é coisa uma das missões dos diversos núcleos de anistia e isto já é possível hoje, como demonstrou o caso Herzog. Só assim pode-se mostrar a opinião pública que estes crimes têm de ser punidos e que é urgente o desbaratamento de todo o aparato repressivo, para que novos crimes não acontecam. (T.C.)



Rio: anistia vai às ruas.

No Rio de Janeiro, o Comitê Brasileiro pela Anistia definiu, recentemente, que a campanha deve entrar numa nova etapa: ganhar as ruas, transformar-se em luta de massas. Nessa linha, desenvolveu-se a programação da Semana pela Anistia, iniciada no dia 16 de outubro e encerrada no dia 20 com um comício nas escadarias da Câmara Municipal, na Cinelândia. Este ato (foto) contou com a participação de candidatos oposicionistas às eleições parlamentares, e centenas de populares.



Dom Helder recebe Cajá

Libertação conquistada

Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife: "Acho que a libertação de Cajá era de tal maneira lógica que só se podia mantê-lo preso como um capricho, mas os caprichos, afinal de contas, têm medida. Chega uma hora em que eles não são cabíveis. De forma que esse relaxamento não é um favor, não. Eu considero uma questão de justiça, de reconhecimento do fato".

Constantino Magno, deputado DCE da UFFP: "Esta foi mais uma vitória das oposições democráticas frente ao regime, na conquista da liberdade de organização e manifestação, das liberdades democráticas e da anistia ampla, geral e irrestrita. O próprio quadro político que a conjuntura apresentava deixava transparecer que a Justiça de Pernambuco não iria conseguir manter Cajá preso por muito tempo".

Jarbas Vasconcelos, deputado federal pelo MDB, candidato ao Senado em

Pernambuco: "Cajá, neste momento, como estudante e como membro da Comissão de Justiça e Paz - valiosos instrumentos em defesa de todos os oprimidos, nascida de D. Helder e inspirada pela figura de João XXIII - simboliza todos os que foram exilados, banidos, presos, torturados, mortos ou por qualquer outra forma de arbitrio jogados à margem da sociedade. Por isso que o fato de sua libertação nos estimula a prosseguir a luta até que cesse a última das injustiças".

Pedro Euclio Barros e Silva, advogado de Cajá: "Não existe a menor dúvida que toda a opinião pública nacional está informada que Cajá foi vítima de torturas e maus tratos físicos durante a prisão. O que estranhamos que até esta data o processo de averiguação pública desses atos não tenha sido decidido, nem feitas alegações necessárias para apuração das nossas denúncias".

- O trabalho realizado pela Igreja principalmente aqui no Nordeste é talvez o trabalho mais sólido, de maior contato com a população no sentido de promover a organização do povo na defesa de seus interesses. E isto por razões simples: primeiro, a igreja vem assumindo aqui no Nordeste posições de cada vez maior compromisso com a libertação total do povo brasileiro. (Sucursal de Pernambuco)

Minas cria o seu CBA

Com o objetivo de consolidar e ampliar o espaço em relação, à luta pela anistia ampla geral e irrestrita e pelas liberdades democráticas, realizou-se em Belo Horizonte no último dia 26, a assembleia de constituição do núcleo mineiro do CBA-Comitê Brasileiro pela Anistia. A data escolhida é significativa: marca os cinco anos de assassinato dos ex-líderes estudantis José Carlos da Mata Machado e Gildo Mamede Lacerda pelos órgãos de repressão (ver EM TEMPO N° 35).

O primeiro passo concreto no sentido da formação do CBA-MG foi dado no dia 8 de agosto numa reunião em que estiveram presentes cerca de 100 pessoas.

Os outros passos dados, e estes decisivos foram no sentido da composição propriamente dita do CBA-MG. Dentro disto, veio a Semana da Anistia, de 23 a 30 de outubro.

CAJÁ: O SEQUESTRO, A PRISÃO, A LIBERDADE.

Terça-feira passada, 31 de outubro, exatamente 173 dias depois de sequestrado por agentes da Polícia Federal, o estudante Edval Nunes da Silva, o Cajá, teve relaxado a sua prisão preventiva, por unanimidade, pelo Conselho Permanente de Justiça da 7ª CJM, no Recife.

Negado por duas vezes pelo mesmo Conselho, o relaxamento teve por base jurídica os motivos alegados pelos advogados Idíbalo Piveta e Pedro Euclio Barros e Silva: a) o fato do Cajá ser réu primário; b) a total ausência de periculosidade do acusado; c) de todos os primários, do processo; Cajá era o único que ainda se encontrava detido; d) o longo período de prisão preventiva e o fim da fase instrutória do processo, significando que a liberdade de Cajá não tumultuará o decorrer do processo.

Cajá, agora, responderá em liberdade o processo movido contra ele e mais 8 pessoas acusadas de articularem a reorganização do Partido Comunista Revolucionário (PCR). Estará enquadrado no art. 43 da Lei de Segurança Nacional, cujas penalidades são de 2 a 6 anos de detenção. Sendo seu advogado, o julgamento terá início nos primeiros meses do próximo ano.

O certo é que, a libertação de Cajá não se deu apenas por um ato jurídico, antes pelo contrário, o movimento de protesto contra a sua prisão, desencadeado em Pernambuco, mas que se estendeu a nível nacional e mesmo no exterior, dentro de um momento político de crise do regime, forçou o governo a dar recuos em sua

173 dias, dia a dia.

- Como você analisa sua prisão?

- Eu acho que a minha prisão esteve vinculada ao contexto de minha própria vida como participante do movimento estudantil de Pernambuco e até nacional e ao mesmo tempo como uma pessoa que participa dos trabalhos pastorais que a Igreja através da Arquidiocese de Olinda e Recife vem desenvolvendo. Com o crescimento das lutas do movimento estudantil, das lutas e das novas formas de reorganização populares que a Igreja, e a própria Pastoral da Juventude vêm encontrando, o regime fica em situações em que, ou assiste ao seu fim, se exaurindo, ou então usa a repressão para frear o movimento dos setores e instituições que lhe fazem oposição. Pelo fato de eu ser uma pessoa de uma militância política e um engajamento nesses dois níveis, ao mesmo tempo acredito que, algo contra mim, significava para a repressão, para o governo, um duplo golpe: de uma paulada só, tentava-se matar dois coelhos, atingir o movimento estudantil e atingir a Igreja e todas as personalidades que fazem uma nova interpretação do significado da própria Igreja, do papel da Pastoral da Juventude etc...

É importante ressaltar que em abril logo após as prisões, aqui em Pernambuco, de Valmir Costa, Selma Bandeira, Edilson Freire, Maria Aparecida, Nilson, Léa e Leci, várias entidades democráticas lançaram notas de protesto exigindo, no mínimo, a integridade física dessas pessoas. Como integrante da Comissão de Justiça e Paz, fomos procurados pelos familiares dos presos e fizemos notas e pronunciamentos. E mais ainda, em abril quando os presos políticos de Itamaracá fizaram greve de fome, a Comissão de Justiça e Paz veio confirmar uma possível greve de fome, ou seja, não mais se desgastar tanto em cima de uma prisão que talvez o governo não esperasse tamanha reação da opinião pública e dos mais diversos setores da população.

Mas ninguém se esqueceu do fato, e o desabafado da população do Recife, com a notícia da soltura de Cajá, rapidamente correu as ruas, em cada local de trabalho, em cada colégio e universidade, em todos os cantos do Recife, era o assunto do dia.

Naquele mesmo dia, às 6 horas da tarde, mil estudantes saíram em passeata de comemoração pela libertação de Cajá. Percorreram as principais ruas do centro do Recife, sob os aplausos e a alegria da população, tendo entre eles o deputado Ulysses Guimarães e o candidato ao Senado, Jarbas Vasconcelos. Na praça da Diário, a passeata integrou-se a um grande comício relâmpago do MDB.

Na quarta-feira, alegre por respirar o mundo "cárora" e pelo reencontro com os amigos, e também emocionado com a solidariedade que recebeu desde o dia de sua prisão, Cajá falou a EM TEMPO numa entrevista exclusiva.

Naquele mesmo dia, às 6 horas da tarde, mil estudantes saíram em passeata de comemoração pela libertação de Cajá. Percorreram as principais ruas do centro do Recife, sob os aplausos e a alegria da população, tendo entre eles o deputado Ulysses Guimarães e o candidato ao Senado, Jarbas Vasconcelos. Na praça da Diário, a passeata integrou-se a um grande comício relâmpago do MDB.

Na quarta-feira, alegre por respirar o mundo "cárora" e pelo reencontro com os amigos, e também emocionado com a solidariedade que recebeu desde o dia de sua prisão, Cajá falou a EM TEMPO numa entrevista exclusiva.

As pessoas são espionadas. Todas as pessoas que estejam trabalhando em defesa do povo, seja no clero, no movimento estudantil, no campo e nos movimentos de bairros, essas pessoas são acompanhadas pelos agentes da repressão. Isso ficou muito claro pra mim. Depois de preso, percebi as grandes pastas de "dossiês", com fotografias. Ao executar a minha prisão eles estavam com a intenção de atingir o movimento de massa, sobretudo o movimento estudantil que está se organizando cada vez em bases mais sólidas, ao mesmo tempo que a própria igreja. Essas são os motivos, segundo a minha interpretação, deles terem decretado a minha prisão, que além de ser ilegal, foi barbaramente desumana, assumindo todas as características de um sequestro.

- Como se deram os interrogatórios e as torturas?

- Os interrogatórios e espancamentos começaram logo, no momento em que fui atirado dentro do carro. No início as perguntas giraram em torno de muitas pessoas que seriam ou estavam sendo procuradas como acusadas e participantes do PCR. Eles já me prenderam para que eu confessasse que não só era militante, mas dirigente do PCR. Como não aceitei nenhuma das acusações, eles me acusaram de ser o organizador da greve de fome dos presos políticos e a pessoa encarregada de enviar documentos de torturas, mortes e desaparecimentos de presos políticos, para o exterior, para a Anistia Internacional. Depois me apresentaram fotografias das pessoas presas em abril e como eu só conhecia Nilson e Léa eles disseram que não havia pressa em reconhecer as pessoas retratadas pois em dez dias de incomunicabilidade havia tempo suficiente para, depois de submetido aos seus métodos, identificar todo mundo. Então, me apresentaram fotografias de várias personalidades de oposição de Pernambuco para que eu as apontasse como membros do PCR. Como as acusações feitas a mim eram infundadas disse que todas aquelas outras perguntas estavam prejudicadas. Passaram então a fazer perguntas tentando sempre relacionar os movimentos de oposição a organizações clandestinas. Como eu negasse tais afirmações o interrogatório foi mudando de tom, tornando-se mais humilhante incluindo desde ameaças de me levar para a sala de choques até a tentativa de um dos torturadores de grampear meus órgãos genitais. Diziam sempre que já sabiam de tudo, que fulano ou beltrano já havia confessado e que só me restava confirmar. Respondi sempre que se alguém houvesse me apontado só poderia ser uma confissão arrancada sob tortura e, de resto, mentirosa. De forma que eles foram intensificando a violência física e psicológica como que me tratavam, me espancavam, tentando me obrigar a dançar um balé ao som de músicas revolucionárias latino-americanas, dando tapas nos meus ouvidos, tentando fazer com que eu confessasse, ou seja, assumisse a culpa das acusações que eles forjaram.

As pessoas são espionadas. Todas as pessoas que estejam trabalhando em defesa do povo, seja no clero, no movimento estudantil, no campo e nos movimentos de bairros, essas pessoas são acompanhadas pelos agentes da repressão. Isso ficou muito claro pra mim. Depois de preso, percebi as grandes pastas de "dossiês", com fotografias. Ao executar a minha prisão eles estavam com a intenção de atingir o movimento de massa, sobretudo o movimento estudantil que está se organizando cada vez em bases mais sólidas, ao mesmo tempo que a própria igreja. Essas são os motivos, segundo a minha interpretação, deles terem decretado a minha prisão, que além de ser ilegal, foi barbaramente desumana, assumindo todas as características de um sequestro.

- Qual a sua visão do trabalho que a igreja está realizando aqui no Nordeste e em Pernambuco e do seu trabalho na arquidiocese?

- Qual a sua visão do trabalho que a igreja está realizando aqui no Nordeste e em Pernambuco e do seu trabalho na arquidiocese?

JOSÉ FREJAT MDB - N° 308

Dep. Fed. Rio de Janeiro

(*) O candidato avisa que o nº de sua inscrição saiu errado no caderno "Eleições Parlamentares", editado por EM TEMPO. O nº correto de José Frejat é o 308.

JOSÉ EUDES MDB - N° 1601

Dep. Est. Rio de Janeiro

(*) O candidato avisa que o nº de sua inscrição saiu errado no caderno "Eleições Parlamentares", editado por EM TEMPO. O nº correto de José Eudes é o 1601.

O instrumento criado pelo regime para manter o controle eleitoral, isto é, a dobradinha Arena/MDB, sofreu seu primeiro abalo nas eleições de 1974. A mágica de fazer eleições sem ter apoio popular, e não perder, começou a ser furada.

Pelo lado do governo, a vitória do MDB significou a necessidade de instituir novas regras do jogo eleitoral, porque o regime não conseguia conviver com nenhuma forma de oposição, nem mesmo com a que ele próprio criou. Essas novas regras - todos sabem - foram a censura à campanha eleitoral (Lei Falcão) e mais: senadores nomeados, isto é, biônicos, o adiamento das eleições diretas para os governos estaduais, diminuição do número de votos necessários para a aprovação de emendas constitucionais e outra composição para os colégios que elegem o Presidente e os Governadores, de forma que os eleitos continuassem a ser os que o regime escocia ("Pacote de Abril").

Pelo lado da oposição, o desgaste do regime com a vitória do MDB significou que, na avaliação da forma correta de participação eleitoral, a possibilidade de propor o voto nesse partido ganhou maior peso do que tivera antes de 1974, quando a alternativa predominante era a proposta de voto nulo.

Para o 15 de novembro deste ano, enquanto o governo usa qualquer arma para tentar fazer a Arena sair vitoriosa, a questão para a oposição ainda é: como votar?

Derrotar o regime

Parte da oposição responde a essa pergunta com a proposta de voto nulo. "Hoje mais do que nunca é indispensável que os trabalhadores se posicionem claramente contra a farra eleitoral que lhes foi imposta durante anos", afirma a Tendência Liberdade e Luta, do movimento estudantil em São Paulo, no II Congresso da União Estadual dos Estudantes - UEE. "Arena e MDB são farinha do mesmo saco", definia Viramundo, outra tendência estudantil. Para ambas, a participação dos trabalhadores no Parlamento só deve acontecer "quando a classe tiver um partido próprio nascido de seu movimento".

Viramundo chama atenção para o fato de que o voto em qualquer candidato do MDB "acaba semeando ilusões", e insiste: a organização dos setores populares deve se dar inteiramente à margem do controle burguês - fora, portanto do MDB, "para que o trabalho não reverta em benefício da burguesia ai representada".

Pelo menos para essas correntes do movimento estudantil, como se vê, a proposta de voto nulo não tem o sentido de rejeição da luta parlamentar. Muito ao contrário, o que elas enfatizam é que esse espaço político não pode ser preenchido

pelo MDB, ou por qualquer candidato desse partido, uma vez que o MDB não tem nenhum compromisso com os interesses dos trabalhadores.

No Congresso da UEE em São Paulo, a proposta de voto nulo foi derrotada pela que defende a participação eleitoral seletiva, isto é, o apoio a determinados candidatos do MDB.

"Acreditamos que o voto nulo é uma proposta equivocada na medida em que representa um fator de desmobilização, um não aproveitamento do espaço político proporcionado pelo momento eleitoral e uma subestimação do papel do parlamento na atual situação de luta democrática", sintetizaram os Independentes do movimento estudantil de São Paulo.

A partir dessa crítica comum, os defensores do voto seletivo se dividem em duas correntes: os que propõe o voto em candidatos populares, como a Tendência Refazendo em São Paulo, e a que considera correto apenas o voto em candidatos socialistas e operários, como a Convergência Socialista.

A Convergência só apoia socialistas e operários "porque os candidatos populares são na verdade burgueses e pequeno-burgueses radicalizados, que muito pouco, ou nada têm a ver com os trabalhadores". Para quem apoia candidatos populares, impõe uma derrota ao regime nas próximas eleições de eleger candidatos que se comprometam com o Movimento Popular e sua organização independente, lutando por bandeiras como liberdade partidária, liberdade sindical, anistia ampla, geral e irrestrita etc. (Tendência Refazendo).

O voto no MDB foi recentemente defendido pelo Bispo de Goiás Velho, D. Tomás Balduíno para quem "agora não é o momento de votar nulo mas de votar na oposição, o que será a forma do povo manifestar seu repúdio aos atos arbitrários do governo". Tomás aponta o caráter plebiscitário das próximas eleições e afirma que o voto na oposição "significará principalmente votar contra o governo". Mas avverte: "Se a situação atual de mafismo, convivência e indefinição política continuar, chegará o momento de mobilizar as massas para votar nulo".

Três propostas

Qualquer uma das três propostas (voto nulo, voto seletivo, voto no MDB) têm o objetivo de desgastar o regime ou acelerar sua crise. Qualquer uma das três também reconhece de alguma forma a importância da luta parlamentar. O que as faz diferir, no entanto, é 1º) quando, onde e como desgastar ou acelerar a

COMO VOTAR?

**Três propostas:
voto no MDB, voto seletivo
e voto nulo.**

**Qual delas contribui mais
para o desgaste do regime
e do governo?**



Debate em Porto Alegre

PAUTA: NOVOS PARTIDOS, SOCIALISMO, ETC.

Na mesa redonda: André Foster, secretário do Instituto de Pesquisas do MDB (IEPES), Américo Copetti, ex-bancário e ex-dirigente sindical, deputado estadual e membro da Tendência Socialista; e Roque Steffen, padre redentorista, presidente da Federação Riograndense das Associações Comunitárias e de Amigos de Bairro. Os três são candidatos a um lugar na Assembléia Legislativa gaúcha, obtendo apoio das forças democráticas e populares.

EM TEMPO - Fala-se muito hoje no país numa abertura que possibilitará inclusive o surgimento de novos partidos. Qual a opinião de vocês sobre a rearticulação partidária?

André Foster - Nós entendemos a sociedade composta por classes sociais, portanto diferenciada em seus interesses conflitantes. Temos então uma questão permanente, que é a questão da organização dos setores populares, na medida em que, para confrontar-se com a força dos setores dominantes, nós precisamos criar condições de força ao nível de setores populares. Eu diria que independentemente da abertura que venha haver, e da qualidade desta abertura, importa ainda e sempre o trabalho de organização dos setores populares. Quanto mais organizados estiverem mais condições terão de empurrar adiante a abertura que vai haver.

Américo Copetti - Também entendemos que o Estado que está aí não é neutro, aliás, nenhum Estado é rigorosamente neutro. Se é os conflitos sociais que resulta o processo de crescimento da luta dos trabalhadores, nós, na medida em que estamos acirrando as contradições, estamos alcançando melhores espaços.

Roque Steffen - Com relação a abertura, me parece que tudo isso está dentro de um processo muito importante, um processo de participação da população oprimida e que

não temos tradição de partidos políticos com concepção diferenciada, pois nossas experiências anteriores não chegaram a configurar um quadro mais saudável da organização partidária em que os trabalhadores pudessem realmente se identificar num partido seu.

Foster - Eu acho que as condições estão muito favoráveis. A minha experiência, e a tua é mais antiga, está mostrando isso. Nós temos um espaço para ser ganho percorrendo, exatamente, com a denúncia da relação viciada entre políticos e setores populares que sempre existiu.

Copetti - Talvez o fato mais singular dos últimos tempos é que hoje nós estamos aferindo junto a opinião pública que um percentual bastante significativo já rejeita o capitalismo. É claro que rejeitar o capitalismo só não significaria uma concepção imediata de uma mudança para uma democracia socialista.

Mas rejeitar o capitalismo, hoje, significa dar potencialidade para que a vanguarda política avance e um proselitismo político novo possa ser introduzido, ganhe espaço e se consolide.

Roque Steffen - Com relação a abertura, me parece que tudo isso está dentro de um processo muito importante, um processo de participação da população oprimida e que

este processo já começou. De certo modo um possível partido, ou socialista ou outro realmente popular, já está em embrião em todo o movimento popular feito em cima da real participação da população. Um movimento que é feito numa vila popular, às vezes pela Igreja, talvez não tenha claro o objetivo de chegar a um partido popular, mas está colaborando.

ET - Nesse sentido, já existem algumas propostas concretas de novos partidos. Como vocês estão encarando cada uma dessas propostas?

Copetti - O que nós achamos é que de fato há hoje toda uma virtualidade a ser explorada. O desafio que está posto é articular através das frestas da nova conjuntura.

Foster - Achamos que desdobramento do capitalismo desemboca num projeto socialista. É a degeneração do projeto vigente que sugere um novo partido. O socialista não é rigorosamente um projeto concebido entre quatro paredes, como uma resposta diferenciada colocada na estratosfera. Conceber hoje o socialismo não significa conceber num plano teórico, significa conceber a partir da realidade existente.

Foster - Como é que nós traduzimos o objetivo do socialismo ao cotidiano?

Foster - Eu também creio que o capitalismo desemboca numa saída socialista. Agora, eu pergunto o seguinte: como é que nós traduzimos este objetivo estratégico do socialismo ao cotidiano, às nossas condições? E aí eu tenho um pouco de dúvida se a forma como nós entendemos da superação do capitalismo é a forma como está entendida ao nível popular.

Copetti - Realmente, a superação do capitalismo vai decorrer da organização. Não é por um determinismo que acontece uma nova sociedade, mas também não acho que é exclusivamente pela organização dos trabalhadores. É claro que é das experiências do cotidiano, em cima de objetivos bem concretos, de reivindicações específicas, que resulta o crescimento crítico dos trabalhadores. Isso não desemboca, necessariamente, no socialismo. Até daria para dizer que poderia eventualmente desembocar no fascismo. O que nós achamos é que devem conviver frentes diferentes.

ET - Mas concretamente, em função desta análise, como vocês vêem o caminho para a articulação ao nível partidário?

Foster - Por dois lados. Ao nível dos setores populares frequentemente nos deparamos com apelos que, se não estamos preavistados, nos levam para a mesma relação viciada, aquela paternalista dos políticos com seus eleitores. A primeira tarefa junto a estes setores é desmistificar o político nestes termos e remeter a questão da solução dos problemas ao nível da organização popular, mostrando que o político sózinho não resolve nada. A segunda é na própria luta interna dentro do MDB, fazendo com que se proliferem lideranças que venham a assumir essa proposta política.

Roque - Acho que um partido novo propõe uma sociedade com valores novos. Então a semente seria criar estes valores, embora não ainda ao nível partidário. Este processo já existe nas bases. Então me parece que o importante é canalizar todo este trabalho.

Copetti - Me pareceu em muito boa hora a Tendência Socialista. Assim como a Tendência, a Convergência ao nível nacional tem este objetivo. Se o MDB se constitui numa composição rigorosamente heterogênea e nós sabemos que

crise do regime; e 2º) o peso que atribuem à participação no Congresso.

Quanto ao desgaste do regime, o voto nulo é das três propostas a de efeitos menos abrangentes. Na verdade, seu sentido se esgota no momento das eleições pura e simplesmente. Não é uma proposta que organize durante a campanha porque nas condições atuais de repressão e politização ainda incipiente de amplas camadas da população, não há como pregá-lo pelos quatro cantos do país; e, ainda, essa proposta não produz efeitos a nível do Congresso - não preenche esse espaço político, portanto - pois os congressistas serão os que forem eleitos, qualquer que venha a ser o percentual de votos nulos.

Tal como vem sendo defendida, a proposta de anular o voto não significa a rejeição da luta parlamentar, mas até mesmo uma ênfase excessiva sobre esse espaço político, tanto assim que adia essa atuação para o momento em que existir um partido dos trabalhadores. O problema é que enquanto isso não acontece, entrega-se o espaço parlamentar, de bandeja, para quem quiser ocupá-lo.

Já o voto seletivo (em suas duas modalidades, voto em candidatos populares e voto só em socialistas e operários) consegue ser uma proposta que desgasta o regime durante a campanha eleitoral e depois, no Congresso. Mas como não há candidatos populares, ou socialistas ou operários na maior parte do território brasileiro, esta proposta desemboca na seguinte alternativa: ou se acaba por ter de propor o voto nulo (a mais vezes do que se apoia candidatos selecionados), ou se "seleciona" muito pouco, isto é, apoia-se cada candidato que... valha-me Deus!

No primeiro caso, quando se admite anular o voto, as consequências são as mesmas a que acima se referiu. No segundo caso, quando não se seleciona tanto assim, o problema é que disso resulta compromisso com bandeiras no mínimo atrasadas, quando se podia ter proposto o voto no MDB, denunciando os limites desse partido, mas mostrando que nem esses limites o regime tolera.

Voto no MDB

No aspecto da luta parlamentar, o voto seletivo, onde é possível, tem a vantagem de preencher esse espaço, não o deixando à mercê de qualquer um, como faz o voto nulo. Essa vantagem cresce em duas hipóteses: quando a organização da campanha e o programa do candidato alicerçam-se sobre a continuidade da ligação base/parlamentar durante o exercício de seu mandato e porque, através da eleição de candidatos a

dados mais combativos amplia-se a possibilidade de criar um partido de oposição melhor definido depois que se concretizar a reforma partidária, aproveitando-se a brecha da criação de partidos por 10% de senadores e deputados.

A proposta de voto no MDB é a que contribui para o desgaste do regime antes, durante e depois das eleições. A campanha pode ser desenvolvida de Norte a Sul do país, sob a forma de mobilização contra o regime. Aliás, o próprio MDB sabe que essa é a tônica forte de sua campanha, tanto assim que usa slogans como o que permanece desde 1974: "Vote no MDB, você sabe porque". Não há nesse tipo de campanha qualquer compromisso com candidatos que sabidamente não vão desenvolver nenhuma luta no parlamento; não há também sequer o problema de enganar os eleitores acerca do que é o MDB, já que a campanha é contra o regime e não a favor desse partido.

Uma expressiva vitória do MDB agora seria mais um NÃO ao regime que recentemente impôs mais um Presidente da República e governadores de sua (dele) escolha. Embora se deva chegar ao exagero de afirmar que isso significaria uma "deseleção" de Figueiredo & Cia, mesmo assim um Congresso com maioria do MDB contrastaria com a vitória da Arena no colégio eleitoral de há um mês atrás.

Finalmente, esse resultado daria mais uma dor de cabeça ao futuro Presidente, quando ele começasse a ter de submeter projetos de lei ao Congresso e não obtivesse uma tranquila aprovação. Que iria fazer? Passar a governar com decretos-leis demorando a enviá-los ao Congresso? Decretando "estado de emergência" ou medidas de emergência a três por dois? E a "abertura política" onde é que fica?

Tocar nestes aspectos é evidenciar como a proposta de voto no MDB também cobra a questão da luta parlamentar. No mínimo, maior presença emedebista no Congresso pode vir a acentuar as crises do regime autoritário porque é mais um plebiscito que o governo perde e porque os projetos de lei de Figueiredo poderão não ser recebidos com o tradicional "amém". Imagine se o Congresso hoje rejeitasse a nova Lei de Segurança Nacional, ou o projeto de emancipação do indio.

Nunca regime ditatorial, dar mais peso que esse à luta parlamentar é esquecer limitações graves, inclusive porque não será no Congresso que se resolverão os grandes problemas da maioria do povo brasileiro, a começar pela questão do fim do regime.

(Sílvio Siqueira)

tifica na base a idéia de um partido diferenciado.

Roque: - Os grupos de base podem ir dando os primeiros passos rumo a um partido.

Roque - O documento de bispos do Nordeste e Centro-Oeste, já em 1973, dizia que realmente a classe dominada não tem outra saída senão participar já do grande projeto histórico do socialismo. Agora em junho, 180 representantes do Encontro de Comunidades de Base concluíram que realmente o capitalismo é o mal básico e que toda a luta dessas comunidades deve ser da mentalização em cima de uma nova sociedade. Acho que eles não pensam ainda em participar de um partido, mas de certo modo, como que dando os primeiros passos, é momento da gente canalizar isso em termos de partido político.

ET - Isso, no caso, poderia ser o Partido Socialista. Você não vê, especialmente no Rio Grande do Sul, dificuldades maiores em função das bases trabalhistas?

Roque - Realmente acho que o PTB ou brizolismo é mais forte aqui. Mesmo assim acho que dá para fazer alguma coisa em termos de demonstrar algo diferente. Não de mobilizar, acho que não se deve mobilizar em cima do socialismo, mas propagandear.

Copetti - Acho que deve mobilizar em cima do socialismo. Nós achamos que propagandear é importante, mas deve haver uma mobilização em cima de uma proposta socialista, traduzida para o cotidiano.

Roque - Talvez esteja entendendo de uma forma e você de outra. A massa não se mobiliza ainda puramente em cima do termo socialismo.

A OFENSIVA OPERÁRIA

É greve de 250 mil metalúrgicos em São Paulo, Osasco e Guarulhos para exigir aumentos salariais de 70 a 74% e a estabilidade para as Comissões de Fábrica. Saiba como foi o primeiro dia do movimento: a ansiedade e a tranquilidade dos operários, o entusiasmo e a resistência às pressões patronais, as formas adotadas para interromper a produção, enfim, o clima da greve está aqui nesta reportagem.

Segundos dados fornecidos pelos Sindicatos Metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos, 250 mil metalúrgicos entraram em greve no primeiro dia marcado para começar o movimento das paralisações que exige aumentos salariais entre 70 e 74% e o reconhecimento das comissões de fábrica. Número bastante aproximado (240 mil) foi reconhecido pelo empresário Theobaldo de Nigris, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Fiesp, na noite do mesmo dia.

Em São Paulo, pouco mais de 200 mil operários silenciaram as máquinas, principalmente nas grandes e médias empresas, embora inúmeras pequenas firmas tenham sido atingidas também. Alguns exemplos: Caterpillar, Villares, Metal Leve, Massey Ferguson, Piratinha, entre centenas de outras.

A repórter Terezinha Vicente Ferreira, de *Em Tempo*, acompanhou de perto o começo das greves na zona sul de São Paulo, onde se concentra grande parte das empresas metalúrgicas da capital, e seu relato mostra que a paralisação em geral foi tranquila e realmente muito animadora para o movimento operário, conforme descreve a seguir.

A propaganda da decisão da categoria (de desfilar a greve a partir de segunda-feira) iniciou-se já no sábado e na madrugada de segunda-feira, as comissões de greve se distribuíram pelas fábricas entregando boletins aos trabalhadores. Na Caterpillar, às 7h, logo após a entrada, todos os operários já estavam parados, desfilando pelo pátio interno da empresa com seus macacões azuis. Pela grade do pátio que dá para a rua, eles contavam que encontraram os avisos da turma da noite, bateram os cartões, toparam o café e pararam. "Os chefeis estão até gostando", diziam com ironia. Alguns carros, ao passar pela avenida Nações Unidas, buzinavam e faziam gestos de apoio.

As largas portas da Villares também deixavam ver cenas semelhantes. Sentados ao lado de seus respectivos instrumentos de trabalho, mais de três mil operários se mantinham de braços cruzados. De repente, no galpão principal, por entre guindastes e escadas rolantes, começou uma passeata silenciosa, passando pelos galpões, e engrossava mais e mais.

Numa pequena empresa, a Engersol Rand os 150 empregados começaram o trabalho às seis da manhã, ameaçando fazer greve, mas sem muita firmeza ainda. No entanto, às 11h, já estavam todos engrossando o movimento parecido pelos 70% de aumento salarial.

Resistir às pressões

Estes exemplos, que repetiram-se pelas centenas de outras fábricas durante todo o primeiro dia, sustaram a produção. Pela noite, na primeira reunião de balanço do movi-

mento no setor sul, já se tinha os primeiros informes sobre as reações dos patrões. Numa atitude quase que conjunta, a tática empregada foi a suspensão coletiva de trabalho a partir de terça-feira, demonstrando clara intenção de esvaziar a greve. Empresas como Telefunken, Metal Leve, Burroughs, Massey Ferguson, Villares e outras utilizaram-se desta forma de pressão. Outras, como Amortex foram mais longe estendendo a suspensão por dois dias, devendo os operários voltar a trabalhar só na segunda-feira, devido aos feriados de começo de novembro.

"Isto não tirou o ânimo do pessoal", garantiu um dos participantes da reunião, anunciando que toda a categoria deveria lutar contra estas punições.

O ânimo dos trabalhadores é revelado quando se conhecem suas reações às primeiras pressões patronais. Na Massey Ferguson, "às 8:30 h cortaram todas as linhas telefônicas internas, mandaram fechar o restaurante e, até às 11h já haviam circulado entre os grevistas duas cartas de advertência. Mesmo assim, o pessoal continuou de braços cruzados."

Uma comissão de empregados da Engersol Rand foi chamada pela diretoria da empresa, quando se iniciou ali a paralisação. Os trabalhadores não aceitaram a idéia e os patrões tiveram que fazer suas ameaças a todos conjuntamente. O dia 31, é a data do pagamento naquela fábrica, no entanto, devido a greve, os empregados não veriam seus salários, nem tampouco seu almoço. "A resposta do pessoal, conta um metalúrgico, foi voltar quieto para perto das máquinas e continuar parado. E já estão ameaçando fazer um dia a mais de greve, caso seja suspenso realmente o pagamento".

Na Telefunken a ameaça foi semelhante. Perderiam o domingo, o feriado e o pagamento no dia 10, caso continuassem parados. E continuaram.

A Comissão de Fábrica existente na Caterpillar, reconhecida desde a greve do meio do ano, foi chamada pela diretoria da empresa para conversar. "Nós já temos experiência da outra vez, e só fomos chegando, batendo o cartão e indo para o pátio. A empresa disse que, por eles, fariam o acordo mas a Comissão se recusou a negociar. Nós achamos que fazemos parte de uma categoria, é por ela que estamos paralisados, e o pessoal está disposto a ficar em greve até toda a categoria conseguir o seu aumento".

Em Guarulhos, o exemplo feminino

Nas primeiras horas da manhã de segunda-feira, a repórter Samira Zaidan, de *Em Tempo*, assistiu a última e decisiva distribuição de boletins nas portas de fábrica, em

Guarulhos, que chamavam à greve geral da categoria metalúrgica. Ela descreve a seguir o que foi a paralisação.

O clima era de muita ansiedade. A partir das 8h, o quadro começava a se definir e no final da tarde, Guarulhos estava praticamente paralisada. São mais de 30.000 paralisados, significando 80% do total da categoria local.

A Mannesmann, com 1015 metalúrgicos, pára totalmente. Segue, a Asea Elétrica, SKF Rolamentos, Borlem, Bardella, Condeal, Metasil. Silêncio ao redor das fábricas. Pequenos grupos de trabalhadores sentados na grama, ou sobre o material de trabalho conversavam calmamente. Os guarda das fábricas acompanhando à distância. Os órgãos de repressão ausentes.

A partir do meio-dia o movimento dos trabalhadores no sindicato é intensificado e já se pode ter uma visão melhor do que de fato ocorreu em cada fábrica. Em sua grande parte os patrões ou gerentes tentavam convencer a volta ao trabalho. Algumas, como a VDQ do Brasil suspendeu aqueles que à greve se aderiram por dois dias, sem direito a remuneração. Onde podiam, fechavam restaurantes, cantinas. Na Motores Elétricos Brasil um início de tumulto causado quando os guarda das fábricas chamaram um táctico-móvel da PM, que não chegou a intervir. Aquelas onde a paralisação foi total, ou parcial mas vital para seu funcionamento, em geral se dispensou a todos. Muitos foram ameaçados de receber "justa causa". A última fábrica a aderir totalmente foi a Philips que possui 3.118 operários.

Lá os patrões pressionaram desde e a chegada, levando trabalhadores do ônibus direto aos portões de trabalho, o que obrigou aos metalúrgicos a correrem para anunciar a seus companheiros a proposta de paralisação.

Guarulhos foi favorecida porque grande parte trabalhou sábado pra compensar sexta-feira, depois dos finados e pudemos neste dia divulgar a decisão da greve. Isto é um dos fatores que propiciou a rápida adesão, diferentemente de muitas empresas em São Paulo que os operários só souberam da decisão na segunda-feira", declarou um representante do sindicato.

Na fábrica de nome Atelier Mecânico Morcego o movimento ganhou simpatia de todos, pois tendo composição majoritária de mulheres, verificou-se que os homens de lá permaneceram trabalhando. "Também eles ganham bem e nós como ganhamos salário-mínimo, tanto faz, nada temos a perder e resolvemos enfrentar", declararam as metalúrgicas grevistas. Denunciaram ainda que foram ameaçadas por uma de suas chefes, conhecida como "Maria Morcego", que dia seriam elas ignorantes e não merecedoras de aumento pelo serviço que prestavam.



Por dentro da greve



O fotógrafo Enio Brauns Jr conseguiu penetrar na fábrica Villares, em São Paulo, e documentar a greve por dentro, na manhã de segunda-feira. Quando foi notado pela segurança da firma, misturou-se entre os operários, mas teve que correr em seguida, pular o muro e cair de outro lado, com a mão e as calças rasgadas.



Meia noite em Osasco. As máquinas silenciam.

uma expressão ouvida muitas vezes.

A contra-ofensiva patronal

No entanto, nem tudo foi cor-de-rosa. Da inicial incredulidade: "eles não acreditavam na greve até o dia em que ela estourou", os patrões de Osasco começaram a agir. Eden Ponciano da Silva, operário da Metalúrgica Itaim, foi demitido porque lia o mosquito - versão reduzida do boletim - dentro da fábrica. De nada valeram os seus sete anos de casa ante a inflexibilidade do engenheiro-chefe: "quem manda na fábrica sou eu", obrigando Eden a procurar imediatamente o sindicato, que já está tomando as providências legais.

O fato mais escabroso ocorreu na Mecânica Meridional. Seus diretores, e em especial o "gringo Werner", ordenaram a apreensão do material informativo do sindicato, e após demitirem dois operários acusando-os de agitadores, colocaram os grevistas no pátio interno da empresa que sob o sol e sem poderem utilizar os sanitários ainda foram fisicamente agredidos. Na hora do almoço, sob a alegação de que eles não podiam entrar em contato com os membros da comissão que se encontravam no portão, os operários tiveram sua saída da fábrica obstruída pela segurança. Até mesmo o diretor do sindicato, Floravante de Azevedo, foi ameaçado de agressão pelos guarda. Quando todos, por volta das 16 horas, se retiraram da Meridional, os carros que se encontravam estacionados no pátio externo foram recolhidos para dentro, temerosos de que os

operários tentassem destruí-los. Para Bremio: "não passou de mais uma manobra da empresa".

A retirada dos cartões de ponto da chapeira, na entrada ou na saída, foi uma das represálias utilizadas pelos empresários de Osasco. A Barrella, a Fundição Ford e a Mecânica Simpson, dentre inúmeras delas, lançaram mão deste expediente: "querem impedir que a gente registre a presença para depois descontar". Foi, talvez, a irritação quem proporcionou este comportamento da direção da Ford. Após longas discussões, a direção propôs para os operários voltarem ao trabalho assim que ouvissem o apito das 15h45 m: "o apito tocou, mas ninguém trabalhou. Daí os homens

ficaram com raiva e tiraram os cartões da chapeira".

Houve uma represália, cuja decisão se atribui ao sindicato patronal, largamente utilizada pelos empresários de Osasco: carta de suspensão de dois dias - segunda e terça-feira - para todos grevistas. Trazidas para o sindicato, o presidente dos metalúrgicos Henos Amorina, deu a seguinte explicação: "por trás destas cartas escondem-se três ob-

jetivos. Intimidação, esfriamento e manobra legal que desobriga os patrões ao pagamento dos dias em que a categoria se mantiver em greve. No entanto, o departamento jurídico do sindicato já está tomando as providências".

Contudo, para os operários que protestaram furem a greve, o tratamento é diferenciado: "como nunca eles haviam recebido antes", segundo um operário grevista da Forjaço. Lá, os não-grevistas almoçaram em separado: "para não se contaminar", foram dispensados mais cedo e transportados até suas casas por perua e ônibus fornecidos pela empresa. Porém, a contrapartida deste fato foi dada pela ferramentaria da Branspreza; 30 ferramenteiros abandonaram a fábrica ao saberem que o encarregado da seção havia sido demitido por estar em greve.

Na eventualidade da discussão sobre salários ser transferida para a Delegacia Regional do Trabalho, DRT, o que significa o rompimento do diálogo direto entre patrões e operários, Zé Pedro da Silva, líder da Oposição, assim se manifestou: "acredito nesta possibilidade. Mas acredito muito mais na mobilização da categoria". Lembrou-se do exemplo de Betim, onde recentemente a Justiça Trabalhista aprovou um aumento acima dos índices oficiais, e ressaltou que: "o aspecto

mais importante da greve são as comissões de fábrica. Nossa paralisação é fruto de um longo trabalho e muito pouco pode ser atribuído ao movimento espontâneo, embora a situação econômica dos trabalhadores esteja realmente insuportável".

Por volta das 17h, coincidindo com o término do expediente, a afluência dos operários ao sindicato se intensificou. Inúmeras mini-assembleias com participação de 200, 300 até 400 operários foram realizadas. Discutia-se as acontecimentos do dia e maneira como eles deveriam ser enfrentados no dia seguinte: "aqueles que forem impedidos de entrar nas fábricas devem evitar aglomerações na portaria e dirigirem-se ao sindicato. Nenhum acordo que não passe pela assembleia geral tem validade. O pagamento dos dias da greve serão anexados às reivindicações iniciais dos grevistas". Por fim, foram alertados sobre a possibilidade dos jornais publicarem "matérias pagas", informando que o acordo já saiu e a greve acabou.

A noite, a comissão de greve se reuniu para fazer o balanço do dia e dividir as tarefas que iriam garantir a continuidade da greve. Reafirmando, porém, que só a assembleia geral dos trabalhadores metalúrgicos de Osasco teria poderes para deliberar sobre os possíveis acordos. (Carlos Savério)



Cobrasma, em Osasco, o começo.



Assembleia dos 30 mil

Ennio Braw F.

“A GREVE CONTINUA”

Já na manhã de quarta-feira, quando a traição de Joaquim dos Santos Andrade ficou evidenciada claramente para todos, um boletim começou a circular entre os metalúrgicos, desenvolvendo as formas de organização independente para tentar garantir a continuidade da greve. Era assinado pelos “Comandos Regionais Sul-1, Sul-2 e Sudeste”, correspondentes às regiões fabris da capital paulista. Esses comandos haviam sido instituídos já na assembleia de sexta-feira, que deflagrou a greve. Eles as inscrições contidas no folheto:

“Após a apuração, dirijam-se para seus regionais para organizarmos a continuidade da greve.

O que fazer na regional:

1 - Eleger no mínimo 1 representante por fábrica para o Comando Regional da Greve;

2 - O Comando Regional elege 10 representantes para se reunir com os representantes de outras regiões, formando o Comando Geral da greve.

Porque são necessários os Comandos? Porque o sindicato pelego está contra a greve e a favor dos patrões. É necessário que nós trabalhadores dirijamos nossas lutas, dirijamos nossa greve.

Após eleger os comandos, programar nas regionais e no Comando Geral, o trabalho a ser realizado nos próximos dias:

1 - Plantão permanente no Regional;

2 - Boletins para distribuir nos bairros;

3 - Boletins para distribuir na segunda-feira;

4 - Organização de Comitês de apoio à greve;

5 - Assembleia dos regionais até domingo para organizar os trabalhos de segunda-feira.

Importante: as comissões de fábricas devem enviar seus representantes às regionais;

A greve continua até a vitória final!

70% de aumento sem escala e sem desconto!

Reconhecimento e estabilidade das comissões!

Abaixo o sindicato pelego!

Todo apoio aos comandos regionais!

Força total ao Comando Geral da Greve!

Em seguida vem o endereço das regionais, no total de sete, e também um organograma explicando o funcionamento, que transcrevemos a seguir:



De cada fábrica um representante para a regional. Destes representantes elegem-se 10 que vão se reunir para formar o Comando Geral da Greve.

“Um, dois, três! Agora é a nossa vez!”

O relato da assembleia que decidiu a greve, dia 27. 20 mil metalúrgicos obrigam Joaquim a engolir o movimento.

“Rua! Rua!”

A assembleia que deflagrou a greve, no dia 27, sexta-feira, levou a marca de uma incontrolável disposição de guerra dos 20 mil trabalhadores que se dirigiam à sede social do sindicato, na rua do Carmo. Desse, cinco mil conseguiram entrar no prédio, já que o auditório é pequeno. O resto ficou aglomerado na porta do sindicato, onde o trânsito foi obstruído. A própria Oposição Sindical reconheceu, numa avaliação no dia seguinte, a grande dificuldade em direcionar o movimento, tal o ânimo da massa, que rejeitava ruidosamente a liderança de Joaquim dos Santos Andrade. E só deixar falar aqueles operários que ao longo da campanha salarial, mostraram-se comprometidos inequivocamente com a deflagração da greve.

Quem chegasse aquela hora nas proximidades já podia há cerca de 100 metros ouvir um rumor bem forte, que entoava: “greve! greve!”, ou “desce! desce!”, ou ainda “rua! rua!”, numa exigência de que a assembleia fosse transferida para fora, conforme havia sido combinado na assembleia, anterior, do dia 20, mas o presidente Joaquim dos Santos Andrade não cumpriu. Uma faixa esticada de fora a fora na rua pregava “liberdade de organização e expressão para os trabalhadores”. Muitos metalúrgicos carregavam pequenos cartazes falando da necessidade de ir à greve e formar comissões de fábrica. Três operários subiram em cima de um carro estacionado e faziam discursos cada vez mais inflamados, entre cortados pelos gritos insistentes da massa.

Quem tenta descer as escadas, neste momento, para ganhar a rua, depara com uma passeta interna, no sentido contrário. Com o grito já furioso de “greve! greve!”, centenas de metalúrgicos regressam ao plenário, que aos poucos se enche de novo.

A deflagração

Naquela agitação total, ninguém sabe mais dizer que rumo as coisas vão tomar. No palco onde está a comissão de salários e a diretoria do Sindicato há somente tensão e expectativa. De repente, um metalúrgico

gico de camisa xadrez sobe na mesa da direção e pega o microfone das mãos de Joaquim Andrade. Era Antônio Flores, um dos mais conhecidos participantes da Oposição Sindical e um dos seus iniciadores. A massa solta um grito de alegria e imediatamente faz um silêncio. Flores reivindica que Joaquim Andrade deflagre imediatamente a greve. Joaquim é suspenso por muitas mãos ao lado de Flores, em cima da mesa, mas a massa não deixa que fale. E ele não consegue mesmo fazer uso do microfone, mesmo com os gritos de exigência de Flores: “deflagra! deflagra!”. Neste momento, outro membro da Oposição Sindical pega o microfone e a assembleia volta novamente a fazer silêncio, cortando com gritos esparsos. Outro participante da Oposição Sindical faz o mesmo em seguida e anuncia que Joaquim Andrade vai fazer uso do microfone para decretar a paralisação. A massa explode, se antecipa, aos gritos de “greve! greve!”.

Com a palavra garantida pela Oposição Sindical, só resta a Joaquim Andrade dizer que a manifestação significava greve. Novamente, ouve-se o delírio da assembleia. Estava tomada a mais importante decisão do movimento operário nos últimos anos.

“Um, dois, três, agora é a nossa vez!”. “O sindicato é nosso!”, eram os gritos que formavam o coro que ainda permanecia por várias horas circulando alegremente pelos corredores, cantando por cordões de metalúrgicos que subiam e desciam as escadas do sindicato.



Custo de Vida:

Os bairros também na campanha salarial



O Movimento Custo de Vida, de São Paulo, faz novas manifestações contra a carestia e declara solidariedade aos operários grevistas, descobrindo formas para a integração das lutas nos bairros e nas fábricas.

No último domingo, dia 29, no mesmo horário e com a mesma pauta, realizaram-se cinco das seis manifestações programadas pelo Movimento do Custo de Vida (MCV) de São Paulo, em protesto contra a carestia. Panelas vazias foram erguidas e fez-se um minuto de silêncio em protesto contra as precárias condições de vida das populações trabalhadoras, habitantes da periferia. As principais palavras-de-ordem das manifestações: “abaixo a carestia”, “povo unido jamais será vencido” e “liberdade para o povo”.

As concentrações do MCV, sobretudo as da Zona Sul e São Miguel Paulista - realizadas dois dias após ter sido decretada a greve dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos - começaram a expressar a ligação que deve existir entre os movimentos de bairro e os movimentos de fábrica.

Em carta aberta à população, o MCV assume agora que “participações nas campanhas salariais de diversas categorias de trabalhadores é uma forma concreta de exigirmos o aumento de salário”. Assim, através do apoio à greve dos metalúrgicos, estreitam-se os laços entre o bairro e a fábrica.

Zona Sul

Na manifestação das panelas vazias contra a carestia na Igreja da Cidade Dutra na Zona Sul, duas mil pessoas

nós cruzássemos os braços, fizéssemos como os metalúrgicos, queria ver como ficariam os tubarões, os patrões.”

Lá fora, camburões da Polícia Militar. Dentro, inconfundíveis investigadores à paisana. Como previa o último ponto da pauta, o povo é chamado a dar seu depoimento. José, pequeno agricultor, hoje sem terras, propõe uma imediata reforma agrária. Uma oradora é fortemente aplaudida quando condena as mulheres a “deixar de ser objeto de uso da sociedade e dos homens e a participar da política”. Logo, ouve-se uma voz masculina, também entusiasmada: “A mulherada vai botar pra quebrar!”

E o representante da Pastoral do Mundo do Trabalho, seção de Interlagos, após solidarizar-se com as mulheres que “assumiram a luta ao lado nosso”, fala da luta salarial: “Amanhã a palavra-de-ordem é greve! A Pastoral incentiva a greve. Que todos dentro da fábrica, parados, exijam aumento salarial”. Sucedem-se denúncias de falta de água nos bairros, creches, condução. Um trabalhador pede solidariedade e apoio aos operários da Alfa, há 15 dias em greve de protesto pelo assassinato de Nelson Pereira Jesus, pelo seu patrônio, quando reivindicava o salário que lhe era devido. (Ver EM TEMPO nº 35, pág.12).

O representante de Dom Mauro Moraes, bispo da região, explica que “a Igreja não pode mais viver na ambiguidade, deve definir-se ao lado do povo”. A representante das assistentes sociais recebe vibrantes aplausos quando fala que suas colegas de profissão não estão mais dispostas a ajudar a expulsar os favelados de seus barracos. “Nós queremos somar com vocês, que a luta do povo é nossa luta também”.

Um representante do MCV reafirma a justiça das reivindicações feitas: “Se somos nós que criamos tudo o que se produz neste país, o que legítimos direitos”. Inflamado, diz ainda: “Se todos

virmos dos metalúrgicos foram os principais pontos da manifestação.

Zona leste

Os grevistas da metalúrgica Alfa, também presentes, solicitaram o apoio do povo, através de doações de alimentos, remédios e dinheiro. A representante da Comissão dos Direitos Humanos afirmou: “Todos temos direito de participar das decisões, de nos organizarmos, de protestar, de fazer greve. Esses direitos não são respeitados pelas autoridades”.

O presidente da Comissão de Justiça e Paz, da Arquidiocese de São Paulo José Carlos D'as, explicou que sua presença era o testemunho de que aquela Comissão “só pode existir se estiver enraizada no povo. Queremos o Estado formal de expressão jurídica, mas que seja do povo. Nossas panelas vazias são símbolo da nossa arma e nosso grito deve ser basta de opressão!”

Manifestaram-se ainda representantes dos Sindicatos os Jornalistas e dos Médicos e um representante da Igreja.

Acompanharam a cobertura jornalistas da BBC de Londres e de uma rádio suíça. Cinco viaturas da polícia e policiais à paisana acompanharam toda a reunião. Na Região do ABC e na Região Oeste de São Paulo, as assembleias tiveram o mesmo desenrolar.

Campinas

Aqui a assembleia contra a carestia foi feita na Igreja de São Miguel Paulista. O protesto contra o desprezo com que o governo tratou os representantes do MCV em Brasília, há cerca de um mês, e a manifestação de apoio ao mo-

do das condições de vida do povo, mostrando a dureza cada vez maior da situação enfrentada pela dona de casa para alimentar e educar seus filhos, os preços absurdos cobrados pelas empresas privadas do setor dos serviços, a ignorância oficial sobre as condições dos bairros-frias, a inutilidade do Mobra.

Uma oradora declarou: “O que a gente quer é diminuir um pouquinho o lucro deles até a gente se organizar para não ter mais pobre nem rico, ser todo mundo igual”. E o representante da Oposição Metalúrgica falou da necessidade de se conquistar o direito de greve na prática e organizar Comissões de Fábrica para pressionar o Sindicato. As discussões terão continuidade no dia 19 de novembro, às 15 horas, no Colégio Pio XII.

Zona Oeste

No Igreja Santo Antônio da Vila Brasilândia, a assembleia contra a carestia contou com a participação de 500 pessoas. Como nos outros lugares, o ponto principal foi a denúncia da atitude governamental em relação MCV, atestado pela veemência do discurso de abertura:

“Que governo é esse que nos acusa de desonestidade e de ter falsificado assinaturas, como se nenhum de nós soubesse o que coletou e assinou. Desonestos são os preços que pagamos pelos alimentos que comemos. Desonestos são os salários que recebemos. Falsos são certos índices de inflação nos quais se baseiam nossos reajustes salariais. Falso é o diálogo onde as autoridades têm o direito de falar e o povo só tem o direito de ouvir.”

Outro ponto enfatizado referiu-se à especulação de terras no Baixo e Médio São Francisco e no Vale do Ribeira e a expulsão dos agricultores de suas terras. Ao final a assembleia, decidiu-se pela continuidade da luta, através de apoio às campanhas salariais dos trabalhadores e as greves dos metalúrgicos de São Paulo:

Santo André

A reunião foi realizada no Instituto Coreção de Jesus, participando cerca de 300 pessoas. Benedito Marcião, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, frisou que “essa luta é política, pois o governo que ai está tem compromisso com o povo uma vez que não foi escolhido por ele. Por isso, o governo é insensível às reivindicações do Custo de Vida”. Acentuou também a importância de organização de todas as categorias (professores, médicos, donas de casa) que devem caminhar juntas defendendo pontos como: Assembleia Nacional Constituinte com ampla participação dos trabalhadores, eleições livres e diretas em todos os níveis, negociações diretas entre empregados e patrões liberdade e autonomia para os sindicatos.

Os demais oradores falaram sobre a importância da união do povo na luta contra a carestia, denunciando a brutal desigualdade na distribuição de renda, a repressão policial contra os trabalhadores e o povo.

Osasco

Por causa de prisões, ocorridas no meio da semana, de membros do Movimento do Custo de Vida em Osasco, não se realizou a manifestação das panelas vazias nesta região. Segundo integrantes do MCV, na quarta-feira, dia 25, quando três pessoas distribuíram folhetos de convocação de assembleia, na feira do Jardim Novo Osasco, ocorreram algumas prisões. Um dos detidos - Aldo Miranda Rocha - informou que 15 minutos depois de terem começado a distribuição da convocatória, surgiram dois policiais à paisana (um homem e uma mulher), que efetuaram 3 prisões. Em seguida, um carro da polícia apareceu para levar todo o material do MCV. Além de Aldo, foram detidos também Arthur Adolfo Parada e Roaquim Cestino de Oliveira.

ESPAÑA

Democracia direta nas Comissões Operárias

"Não é o momento da luta econômica. Não é o momento da luta contra o capitalismo".

Certamente, com essas palavras, Santigo Carrillo pretendia dizer que era o momento de alguma outra coisa, provavelmente a luta contra os "resquícios feudais" na Espanha ou mais concretamente, o reforço do pacto de austeridade proposto pela "monarquia democrática" de Juan Carlos. Mas é sintomático - e um sintoma da perplexidade em que se encontram atualmente mergulhados os grandes partidos operários e as centrais sindicais a eles ligadas - que o secretário geral do PCE tenha realizado a fagulha de negar, em frases sucessivas, a luta econômica e a luta política.

Essa dupla negação, entretanto, é contradita a cada dia pelos trabalhadores espanhóis. Em novembro de 1976, centenas de milhares de trabalhadores foram à greve com as seguintes palavras de ordem: aumentos salariais (obtidos) de até 30%, o que rompeu com o teto salarial imposto pelo governo; nenhuma demissão; redução das horas de trabalho e aumento do período de férias; readmissão de todos os despedidos por motivos sindicais ou políticos (inclusive a readmissão dos despedidos desde a guerra civil, iniciada em 1936); imposição dos representantes sindicais eleitos pelos operários; legalização de todos os partidos políticos; direitos sindicais e de reunião, liberdade de imprensa e de manifestação; direito das várias nacionalidades espanholas à auto-determinação e, finalmente, dissolução do aparato repressivo do franquismo. O econômico e o político estavam intimamente interligados.

Durante essas lutas, e em várias outras, as massas trabalhadoras espanholas forjaram uma série de organismos unitários, que apresentavam como traço comum a eleições dos representantes pela base e a demissão desses representantes desde que a assembleia assim decidisse. Surgiram, assim, a Coordenadora de Fábricas em Luta de Biscaya, vários comitês a nível municipal, como o de Madri, e até mesmo uma série de associações de bairro. No entanto, a multiplicidade desses organismos de base não consegue esconder uma debilidade atual do movimento operário na Espanha: a mudança de caráter das Comissões Operárias, os organismos de frente única forjados pela classe operária há mais de 20 anos, e em quem as massas aprenderam a confiar.

Antes (v. ET nº 18) as CCOO reuniam ombro a ombro operários de todas as posições políticas e ideológicas, desde que dispostos a lutar por suas reivindicações; era precisamente nas assembleias das CCOO que o econômico e o político se combinavam. Em seu livro "Conversas na prisão" (de 1974), Marcelino Camacho, a mais importante liderança das Comissões Operárias, afirma: "Se tivéssemos de resumir como e onde nascem as CCOO, dirímos que o fazem nas assembleias de trabalhadores... mas, sob condições de ditadura nem sempre se pode reunir a assembleia... Então o movimento de CCOO nasce com muitos, poucos ou os trabalhadores que se consiga reunir. É preciso sempre criar rapidamente as condições para fazer as assembleias, que são a base essencial do movimento das CCOO, já que o que chamamos geralmente comissão não é mais que um núcleo do movimento". E Camacho continua: "As CCOO

hoje, entretanto, esse caráter de órgão de poder das CCOO viu-se bastante reduzido, e em certas regiões simplesmente desapareceu. As CCOO tornaram-se uma central sindical - uma das várias que existem na Espanha. É a mais forte central operária: 160 mil aderentes, para 60 mil da UGT, socialista. Mas seu prestígio político e sua capacidade de mobilização são incomparavelmente menores do que quando "assegurava a

participação das massas na gestão e controle de seus próprios assuntos".

As comissões "controladas"

Esta mudança no caráter das CCOO também decorre da hegemonia do PCE em seu interior. Em outras palavras, seria possível criar uma central sindical única desde que o partido mais forte assegurasse a todos os demais a democracia operária mais estrita: o direito de levar às bases posições políticas divergentes para o encaminhamento da luta sindical, o direito de publicar materiais "minoritários" na imprensa das CCOO - o direito de lutar pelo poder, pela vitória de suas posições, no interior dos órgãos de democracia operária. O PCE, entretanto, preferiu o caminho do "controle" das comissões. Um ótimo presente para grupos que nunca estiveram interessados na unidade do movimento sindical e, sobretudo, para Juan Carlos. O resultado é que o número de operários sindicalizados, na Espanha, não chega hoje a 300 mil pouco mais de 10% da população ativa.

Por isso, cada onda de greves na Espanha recoloca o problema da criação de organismos unitários, de frente única, "que suprimam as barreiras entre organizados e não organizados". Surgem as Coordenadoras de Fábricas em Luta, os Comitês de Greve e outros organismos. Mas será preciso muito tempo, combates difíceis, para que estes órgãos se integrem numa estrutura coerente, organizada desde a fábrica até o escalão nacional - organismos de luta como foram (até bem pouco tempo) as Comissões Operárias.



Manifestação das Comissões Operárias da Espanha

Greve: o aprendizado de um novo poder.

Os conselhos operários, nascidos de uma longa greve ou de um grande confrontamento entre o Capital e o Trabalho, são os órgãos naturais de exercício do poder pelos trabalhadores. Desde a revolução de 1948 na França, passando por todas as revoluções proletárias do nosso século, essa forma de organização sempre se impôs. É pouco provável que no curso das grandes transformações futuras, formas de organização inteiramente novas de poder operário sejam inventadas, assim como é pouco provável que essas formas sejam simples repetições das anteriores. De qualquer modo, um elemento universal pode ser aprendido das experiências passadas. É disso que trata, Ernest Mandel nessa seleção de escritos.

Toda luta de conjunto dos trabalhadores, que ultrapasse objetivos imediatos e corporativos, faz emergir o problema de formas de organização que contém, em germe, uma contestação do poder capitalista.

Uma greve econômica, puramente profissional, visa apenas uma repartição mais favorável, para os trabalhadores, da riqueza que eles próprios produziram.

Mas mesmo tal greve, se levada com energia e combatividade, contesta parcialmente o poder capitalista. Ela quer impedir o patrão de comprar "livremente" a força de trabalho, isto é, de impor a concorrência entre os trabalhadores, desde que eles só podem se defender do capital todo poderoso, se estiverem unidos. Ela quer impedir o patrão de introduzir na "sua" empresa o que bem quiser: é esta a condição de êxito de qualquer

greve. Pelo mesmo motivo, ela contesta o direito da burguesia coletiva - do Estado burguês - de controlar as vias de circulação; é a função dos piquetes de greve, que fazem "o policiamento da circulação dos grevistas" nas proximidades da empresa em greve, substituindo a polícia burguesa.

Ela contesta ainda a ideologia burguesa dominante (inclusive o direito burguês), isto, porque mesmo o Estado burguês mais "livre" quanto defender princípios abstratos como a "liberdade de trabalho" ou o "direito de ir e vir" (o acesso às fábricas), está longe de afirmar sua neutralidade, seu papel conciliador na luta de classes, ao contrário, esse Estado intervém ativamente nesta, e ao lado do Capital e contra o Trabalho. Porque a greve é a afirmação pelos trabalhadores de seu direito de luta contra "a liberdade de exploração" e pelo controle da mão-de-

obra pelo conjunto dos próprios trabalhadores.

Mas a ideologia dominante é também contraditória. Ao proclamar a "liberdade de trabalho", ela interdita à maioria dos trabalhadores em greve o exercício do direito de não trabalhar em condições que não lhes convém, sem lhes garantir ao mesmo tempo a possibilidade de trabalhar permanentemente (o pleno emprego). A "liberdade de trabalho" não é senão a liberdade do Capital de comprar a força de trabalho quando lhe convém e nas condições que lhe convém, e o conjunto das condições sociais, jurídicas e ideológicas que abrigam o trabalhador a vender sua força de trabalho em tais condições. Todos os seus verdadeiros direitos são negados e o único "direito" que subsiste é aquele de não morrer de fome... desde que se submeta às condições do capital.

É na organização que os trabalhadores forjam para travar esse combate com o máximo de chances de vitória, que desponta mais nitidamente essa "contra-poder" embrionário que a greve produz. Um comitê de greve eficaz, por mais breve que seja a paralisação, será forçado a criar, em seu interior e entre os grevistas, comissões responsáveis pela coleta e distribuição de fundos de sustentação, pela distribuição de viveres e de alimentos aos grevistas e às suas famílias; pela interdição das vias de acesso à empresa; pela organização do lazareto dos grevistas; pela defesa da causa dos grevistas entre a opinião pública pela busca de informações precisas sobre as intenções dos adversários etc.

Trata-se na verdade do aprendizado de um poder operário em germe, capaz de levar adiante as tarefas de administração de um Estado Operário. E mesmo existindo apenas embrionariamente, o futuro poder operário já manifesta a tendência que lhe é particular, ou seja, buscar associar o máximo de participante no exercício do poder, superar na medida do possível a divisão social do trabalho entre administradores e administrados que é própria do Estado burguês e de todos os Estados que defenderam os interesses das classes exploradoras na História.

Tempos "anormais"

Mesmo sob a conduta de dirigentes relativamente moderados, os comitês centrais de greves de uma grande cidade proletária são obrigados a assumir a organização do abastecimento e do serviço público. Em Lié-



gre, na Bélgica, durante as greves de 1950 e de 60-61, a direção da greve regulamentava a circulação dos automóveis na cidade e interditava o acesso de qualquer caminhão que não estivesse munido de um conduto do

Ir até o fundo das coisas

Toda greve ampla, longa e combativa contém em germe a criação de tal poder de contestação ao poder do Capital, mas é necessário muitas coisas para que esse germe se desenvolva. Sejamos mais precisos: normalmente ele não se desenvolve. É que entre uma contestação potencial do regime capitalista e seu questionamento efetivo, não existe apenas uma diferença de grau, de amplitude do movimento, de número de grevistas, de impacto da greve sobre a economia capitalista nacional etc. O que separa uma de outra é o nível de consciência determinado dos trabalhadores. Sem uma série de decisões conscientes, nenhuma greve pode colocar em questão o regime. É necessário todo um complexo de condições favoráveis que permitam à consciência de classe do proletariado conhecer uma brusca mutação e dar o grande salto para frente. Essas condições capazes de criar situações pré-revolucionárias são bem conhecidas: crise objetiva do modo de produção; crise do poder do Estado e das principais esferas da superestrutura; conflitos e vacilações no interior da classe dominante e do governo; descontentamento massivo entre as camadas médias da população, longa acumulação de descontentamento e aspirações não satisfeitas na classe operária; confiança crescente

dos trabalhadores em suas próprias forças e, portanto, combatividade crescente de sua parte, o que modifica as relações de força sociais em seu favor às expensas da classe dominante; confrontos prévios sem derrotas, numa série de casos; consolidação e fortalecimento de uma vanguarda. (que, nessa etapa não tem necessariamente de assumir a forma de uma parte revolucionária com influência no seio das massas).

Quando a maior parte dessas condições está presente uma circunstância qualquer pode bruscamente provocar a explosão. As greves, ao invés de se limitar a formas tradicionais de luta e a objetivos imediatos e puramente profissionais, são conduzidas ao limite de uma dualidade de poderes. Que esse limite seja ultrapassado ou não depende essencialmente da consciência dos operários de vanguarda (ela própria função de uma série de fatores). Assim foi na Rússia de 1905 e na Espanha de 1936; mas limite não foi ultrapassado na Itália, em 1948, e na França em 1968.

No entanto ao contrário do que a ideologia burguesa constantemente quer fazer crer, a vanguarda não pode "provocar" situações pré-revolucionárias e menos ainda "revoluções". Mesmo os trabalhadores que compreenderam pelo estudo e pela reflexão,

por sua capacidade de tirar conclusões gerais das experiências parciais de luta que as relações mercantis capitalistas não são de modo algum "evidentes" e "naturais" e que podem ser substituídas por relações de produção superiores, mesmos eles são obrigados, na prática de todos os dias, a tolerar, a sofrer e a reproduzir as relações capitalistas, se não quiserem se condicionar a viver à margem da sociedade.

É apenas momentos relativamente raros, onde as condições anteriores estão presentes, que as massas buscam instintivamente modificar o fundo das coisas, isto é, a estrutura da sociedade, o modo de produção. É quando elas percebem a enorme força coletiva que representam não apenas por seu número e coesão mas sobretudo quando estão sózinhas nas fábricas, quando o poder econômico de fato está sob sua direção. É então, que o que está potencialmente presente em cada greve ampla e combativa se afirma de um momento para outro, de maneira consciente.

Extratos da introdução do livro: "Controle ouvrier, conseils ouvriers, autogestion". (Controle operário, conselhos operários, autogestão) - Ed. François Maspero, 1970.

JOAQUIM, O JUDAS METALÚRGICO.

Joaquim dos Santos Andrade, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo há nada menos que 14 anos, entregou novamente o ouro pros bandidos, ao forçar ditatorialmente um acordo com os patrões na campanha salarial de 1978, contra a vontade manifestada claramente por uma assembléia de 30 mil metalúrgicos, a maior da história do sindicato. Aqui, toda a trama, minuciosamente relatada pelos nossos repórteres.

Nas negociações diretas da campanha salarial dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos de 1978, os patrões adotaram a tática de tentar anular as conquistas salariais do movimento grevista vitorioso de maio e junho, quando quase 120 mil metalúrgicos de 132 indústrias arrancaram com o silêncio das máquinas aumentos e antecipações que variaram de 8 a 20%.

Nas reuniões realizadas na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, os empresários afirmaram decididamente aos sindicatos e comissões de salários que não pretendem dar aumentos reais aqueles operários que participaram das greves anteriores, ou seja, o setor mais mobilizado e organizado da categoria.

Para implementar essa tática, o patrão valeu-se de dois poderosos aliados. Em primeiro lugar, o governo, através do Tribunal Regional do Trabalho, que só entrou nos momentos finais da campanha salarial, publicamente, para ratificar o acordo proposto pelos patrões, de aumento de 58% para quem ganha até três salários mínimos, 54% para quem ganha de 3 a 6 salários mínimos, e 50% para quem percebe de 6 a 9. Isto considerando-se que o índice de reajuste que seria dado obrigatoriamente é de 43% para o mês de novembro, fixado pelo governo.

O segundo grande aliado dos patrões, foi mais uma vez o Joaquim dos Santos Andrade, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que bateu todos os recordes de traição dos interesses dos metalúrgicos, ao traamar e executar ditatorialmente uma manobra para desmobilizar a greve dos 250 mil trabalhadores. Um verdadeiro Judas metalúrgico, como é relatado minuciosamente a seguir.

A Assembléia dos 30 mil

Da Praça da Sé ouvia-se o coro das aclamações gritadas pelos trinta mil trabalhadores que se comprimiam em duzentos metros da Rua do Carmo, em frente ao Sindicato, na noite de terça-feira, dia 31, bem no centro da capital.

"Greve! Greve! Setenta! Setenta!", era a vontade geral claramente manifestada pelos operários. Através das faixas, as reivindicações principais dos metalúrgicos, como as "comissões de fábrica" e o aumento de "70 por cento ou greve", eram levantadas.

"Olé, olá, os metalúrgicos tão botando prá quebrar", entoava a marcha. Dada a notícia de um companheiro preso, a resposta da categoria foi imediata: "Soltá! Soltá! Queremos liberdade!"

Do alto de uma janela, foi improvisada a "mesa" dos trabalhos. Oradores se sucediam, os olhares convergiam para aquele ponto, de onde partia um potente sistema de som e iluminação bem forte. Aguardava-se tensamente a chegada de membros da diretoria do sindicato, junto com representantes da Comissão de Salário. Eles haviam se dirigido no começo da tarde à Federação das Indústrias de São Paulo, Fiesp,

Traição, um perfil do pelego.

Antonio Carlos Felix Nunes

Mais uma vez, Joaquim dos Santos Andrade, presidente do maior sindicato operário da América Latina, lorgou manobrar, impingindo à massa trabalhadora um acordo salarial que não passaria pela decisão livre e democrática de uma assembléia da categoria. Com a ressalva que, desta feita, ao sentir escapar-lhe o controle da campanha reivindicatória, substituiu sua conhecida habilidade verbal por ações autoritárias, pondo à mostra sua verdadeira face.

Eis o fato novo dessa movimentação salarial dos metalúrgicos paulistas: o pelego venceu um grande round, atendendo aos interesses dos patrões e do governo, mas desmascarou-se. Basta verificar que, após a realização da grande assembléia (uma das maiores até hoje realizadas pela categoria) de terça-feira última, não mais teve coragem de dirigir-se aos trabalhadores em greve. Entregou o controle do sindicato à polícia e desapareceu.

Acordo da traição

O acordo salarial estabelecido com os patrões, além de não representar nenhum aumento real à categoria, ainda consagra uma violência ao princípio da organização operária. Referimo-nos ao seu item 17, pelo qual os metalúrgicos ficam proibidos de fazer outra greve até novembro de 1979. Ao concordar com essa cláusula, Joaquim assinou, em coro com os

Assembléia: (em coro): Não!

Clóvis: Nesse sentido só nos resta desafiar a continuidade desta greve, já, companheiros! Gritos e aplausos fortes da assembléia.

Vito: (irônico) Recebemos aqui uma bela aula de democracia, pois toda proposta tem que ser aprovada pela assembléia. Em todas as assembléias, todos tem direito de fazer propostas. Eu faço uma agora, que se ponha em vota-

ção democraticamente: exijo, agora votação!

Assembléia (em coro): "Queremos votação! Queremos votação!"

Joaquim (com dificuldade para falar pois recebe vaivas fúrias): a decisão da votação amanhã é uma decisão da diretoria e nós assumimos a responsabilidade, pois temos que apresentar ao Tribunal do Trabalho uma resposta à proposta que nos foi feita.

José Maria Vicentino (da diretoria

do Sindicato): As manifestações aqui são somente no miolo, dos lados não dão para confirmar qual é a opinião? Amanhã todos trabalhadores tem o direito de votar conscientemente. Aquele que estiver favorável vota conforme seu desejo e não por influência de um grupinho de pessoas. (vaias).

Cleodon: Vamos fazer o teste para desmascarar isto. O pessoal deste lado levanta a mão se está ouvindo. (à direita, centenas de braços se erguem e a operação se repete para o lado esquerdo, afirmativamente). Eu agora vou entregar o microfone para o Joaquim para ver se ele põe em votação o não. (A assembléia insiste: "setenta! setenta! setenta!").

Joaquim: (agressivo): "é prerrogativa e obrigação de uma diretoria encaminhar formas de votação, e ela será por escrutínio secreto. Ponto pacífico, tem que votar aqui, não vou na votação de oba-oba não moço!

Assembléia (em coro retruca): O sindicato é nosso! o sindicato é nosso!.

Joaquim: O sindicato não é meu, nem é de Zé Maria, nem é do Cleodon, nem de ninguém. É da categoria. A greve continua e os companheiros tem obrigação de continuar em greve amanhã.

Assembléia (em coro, rebate): "Aço, aço, aço! aqui não tem palhaço!"

Joaquim: "Ninguém está dizendo que vocês são palhaços, eu não disse isso".

Flores: Para evitar que amanhã digam que foi meia dúzia de baderneiros que veio aqui para votar a greve, amanhã todo mundo vem aqui para votar, às sete da manhã! (Gritos e aplausos favoráveis da massa).

Democracia operária

X fraude

Joaquim encerra a assembléia, novamente debaixo de vaias, quando já começava a receber bolas grandes de papel atiradas lá de baixo, e ao saber que dezenas de metalúrgicos forçavam a porta de entrada do sindicato, então fechada.

Diante da imposição ditatorial do pelego Joaquim, não restou aos trabalhadores buscarem sua própria forma de organização. Uma segunda assembléia, com mais de mil metalúrgicos que subiram para o auditório do segundo andar do Sindicato, começou então: "agora está instalada a verdadeira democracia operária. Lá, aprovou-se depois de vários discursos, por maioria, a participação na votação (escrutínio secreto de quarta-feira). Todos os participantes da assembléia assumiram o compromisso de trazerem o maior número possível de operários para a votação. Pois, como ressaltou um dos membros da Oposição Sindical, já escalada com os processos eleitorais anteriores, "todos sabem que as urnas do Joaquim não tem fundos"...

Entretanto, embora Joaquim tivesse garantido para a assembléia com todas as letras que todos metalúrgicos vota-

rio constavam as biografias de 2.800 metalúrgicos. Todos eles estigmatizados como subversivos.

Joaquim ficou famoso pela forma com que sempre conseguiu neutralizar as ofensivas da oposição sindical. Ainda no ano de 1964, coube a ele "testar" a primeira lei antiregreve (a de número 4.430, ainda inserida na legislação em vigor), com o fim de mostrar aos trabalhadores o lado "positivo" do primeiro diploma legal abortado pela nova ordem política. De comum acordo com as autoridades, obteve-se um dia de greve no setor, usando-se essa lei na campanha salarial da categoria. Mas foi a primeira e última vez que a 4.330 possibilitou a greve por reajuste dos salários. Nunca mais pôde ser utilizada para tal finalidade.

Entretanto, suas proezas, como pelego hábil e esperto, vão muito mais longe. Na época da pior repressão ao movimento operário e às demais camadas da sociedade, era ele quem tacava o regime de ditadura, passando de herói de direitas de assembléias de trabalhadores fortemente vigiadas pela polícia. Mas só falava em recinto fechado, sem nunca repetir seu pensamento em porta de fábrica. Nem levava à prática as resoluções tomadas nas assembléias. Com isso conseguia desarmar as oposições, impedindo-as de liderar os trabalhadores descontentes.

Antes de assumir a direção do seu sindicato, já na qualidade de presidente eleito, Joaquim orientou o interventor oficial (funcionário do Ministério do Trabalho) na elaboração de um relatório de pessoas inconvenientes à "Revolução". Nesse relatório



riam no escrutínio secreto (os associados com a carteira de sócio, os não associados com a carteira profissional), manhã de quarta-feira o maior pleito da América Latina consumiu sua traição, sem chorar nem vela.

A segunda grande fraude eleitoral de Joaquim teve o primeiro lance às 8h da manhã, quando o Sindicato abriu as portas e proibiu o acesso à votação dos operários não sindicalizados. Joaquim contrariau o que ele mesmo prometeu para 30 mil metalúrgicos, com o teatremunho um batalhão de 50 repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e gravadores. A grande maioria dos presentes na rua do Carmo ficaram mais uma vez do lado de fora, embora fossem grevistas como os outros que puderam entrar. Os leões de chácara de Joaquim, que nas eleições de julho espalharam os membros da chapa 2 e 3, plantaram-se na entrada ameaçadores e faziam o pente fino, ajudados por um forte aparelho repressivo da polícia militar, que cercou as redondezas com viaturas e impidiu a entrada dos metalúrgicos. A diretoria do Sindicato alegou que a repressão policial era por conta das empresas...

Dessa maneira, 6.612 metalúrgicos tiveram acesso às urnas, de acordo com os números da apuração final. Na noite do dia anterior, 30 mil metalúrgicos foram pardoxalmente, considerados um "grupinho". A cédula do Joaquim era o segundo lance da farsa. Havia duas opções: "58%" e "greve". Ora, a proposta patronal não era de 58% e todo mundo sabia disso, principalmente o Joaquim. Os empresários propuseram este índice para operários que não fizeram greves que estavam menos organizados nas fábricas e revelando disposição de luta. Os outros não receberiam nada de aumento real (apenas o reajuste tradicional de 43% do governo) ou receberiam muito pouco, isto é, a conquista das paralisações anteriores seriam anuladas e descontadas.

Resultado da votação: 4.545 votos a favor da proposta patronal e 1.976 votos a favor da greve, 13 brancos e 78 nulos. No transcorrer da votação, os traques de sempre do Joaquim vieram facilmente à tona. A mesa não tinha o menor controle ao menos de quantos entraram para votar, e segundo os presentes, qualquer um preenchia as cédulas de votação, além dos elementos que preenchiam várias cédulas, sucessivamente. Um autêntico cambalacho, considerado por Joaquim em entrevista à imprensa como uma votação "tranquila e serena, não houve sequer um acidente".

Quem conseguiu resumir a história toda foi um metalúrgico da Zona Leste, que disse a este semanário: "trezentos mil metalúrgicos tem dois homens comandando e decidindo tudo - o pelego Joaquim e o patrão Alberto Villares", este último foi quem dirigiu as várias reuniões da negociação direta na Fiesp...

Cobertura da greve: Terezinha Vicente Ferreira, Samira Zaidan, Carlos Savério, Sébastião Santos e Flaminio Fantini (coordenação e texto final).



A assembléia dos 30 mil (Fotos de Ennio Bravos).

Mas sua versatilidade em termos de manobras políticas é impressionante. Da mesma forma com que já fez os trabalhadores acreditarem em sua condição de ferrenho adversário do sistema político de 1964, também já os levou a louvarem determinadas atitudes das autoridades. Em novembro de 1975, durante uma assembleia de encerramento da campanha salarial, obteve do plenário uma manifestação favorável às ações das forças de segurança, que então cometiam as maiores barbaridades contra presos políticos. Recorde-se que na época torturas praticadas no DOI-CODI culminaram com as mortes do jornalista Wladimir Herzog e do metalúrgico Manoel Fiel.

Por coincidência, Joaquim logrou esse voto à ação policial no exato dia em que se realizava um ato religioso pela alma de Herzog, na catedral da Sé. Dias antes, porém, ele próprio instigou o plenário da assembleia salarial a formular uma rigorosa condenação ao regime espanhol de Franco (àquela altura, vivendo seus últimos dias), pelo enfocamento de três dirigentes políticos do povo basco.

Eis o perfil de Joaquim dos Santos Andrade. Como se vê, ele é um fiel executor da ordem política implantada há 14 anos, garantindo ao governo domínio de um setor operário considerado de vital importância para o movimento sindical brasileiro.

EM TEMPO:

Entre nessa festa

Maria Rita Kehl

Dancin' Days.

novela das 8

que país é este

?



Abertura dá IBOPE?

Poderíamos tentar interpretar as coisas assim: o roteirista deseja - ou precisa, por motivos de Ibope - (afinal, um certo arejamento político de uns tempos para cá contribui para deixar as pessoas mais exigentes, menos dóceis e mais ligadas em refletir sobre a realidade) temperar a novela com uma série de temas e problemas atuais. E joga ai pitadas de gente sem emprego e ou sem dinheiro, uma certa dose de luta de gerações, um ou outro representante de idéias consideradas "de vanguarda" e alguns sinais de fumaça a indicar o que se poderia chamar de luta de classes.

Mas nem a barra policial está tão leve assim, nem a televisão deixou de ser um monopólio de classe. Então, uma vez conquistadas todas as fatias possíveis do público, trata-se de tentar prudentemente esvaziar ao máximo todo o material explosivo colocado na tela para que o final da novela (e o que fica, afinal, não é o final? perdão leitores) se dê num clima de máxima harmonia a ausência de conflitos, uma espécie de noite de Natal na ONU (aliás, O Afro chegou dar um pulo de seis meses para poder situar o último capítulo literalmente num Natal, à maneira de certos desenhos animados românticos de Walt Disney). Dancin' Days, a cerca de três meses e meio a partir de seu início, parece já ter ingressado no que eu chamaria de fase de esvaziamento - o que não impede que até o último capítulo a trama amorosa se comopleque e os desencontros se aguem, muitas vezes sob pretextos completamente artificiais quando já não faz mais sentido um novo desentendimento e ele só se justifica pela burrice incondicional dos amantes. É que amor da televisão não é cego: é burro mesmo. De acordo com a ideologia fatalista da Indústria Cultural, o verdadeiro amor sobrevive à inteligência e à lucidez. Só os maus planejam suas conquistas - os puros devem se deixar levar pela emotividade crua dirigida para a única conquista possível: o casamento.



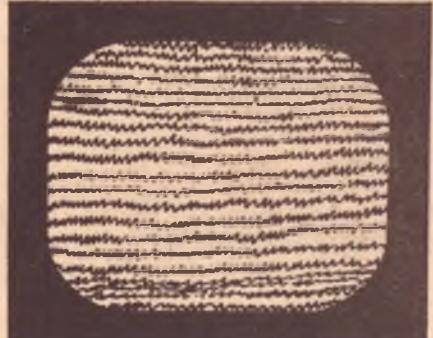
Bem, Júlia, refeita da probreza e da marginalidade pelo contacto com a fortuna de seu noivo-tático, tem pela frente outra "etapa": sair da crise de piranha em que se encontra e purificar-se na vivência de um grande amor. Resolver um problema de cada vez, isoladamente (já que os fins justificam os meios...) é o mais sensato: transar as coisas na sua totalidade sempre resulta em radicalismo. Além do que, a novela está enfrentando o

período dos nivelamentos sociais para que depois - e só depois - as pessoas se casem em paz. Por enquanto, trata-se de fazer com que o dinheiro das personagens burguesas - Franklin, Horácio e Ubirajara, aliás autênticos espécimes da burguesia nacional - contamine a vida da classe média desdenhada - seu Alberico, Carminha, Jofre, Júlia e outros. Felizmente essa novela não tentou sair da Zona Sul - sorry, periferia.



O doce encontro positivo

A maneira como personagens "ricos e pobres" são situados na novela não faz com que resulte da interação qualquer idéia de antagonismo ou conflito de interesses, mas sim uma perspectiva de nivelamento gradual, por um estranho processo de entropia das relações sociais. Os pobres vão subindo de nível ao contacto com os ricos, e estes levam em troca doses proporcionais de espontaneidade, alegria de viver, autenticidade e otimismo, por incrível que pareça atribuídos à pequena burguesia. O saldo desse doce encontro é evidentemente positivo para ambos os lados: quem é vivo gosta de levar vantagem em tudo, certo?



mas na história, congelando o tempo em um determinado momento harmonioso para que o precário equilíbrio conquistado pareça ser eterno (o que foi superado por exemplo no último capítulo do Bofe em 73 e do Pulo do Gato recentemente, mas é que a novela das 22 horas é papo para elites).

Ela apresenta ao público maravilhado com a perfeição da técnica mimética conquistada pela emissora, um mosaico de aparências perfeitas composto de maneira a que seja impossível fazer emergir dele qualquer conclusão sobre este determinado estado de coisas. Qualquer dúvida. Qualquer confusão.

O mundo, que a novela desequilibra e torna a reequilibrar tal e qual, está em perfeita ordem portanto. Dessa forma o "realismo" na novela trabalha a serviço de confirmar um determinado estado de coisas, e não de expô-lo à reflexão e à dúvida. Ele conduz a que se constate "como a vida é", a partir da apresentação de suas evidências sem oferecer elementos que possibilitem a decifração ou a subversão do equilíbrio aparente dessa realidade aparentemente natural, histórica. E ficamos à espera do alívio final, estuporificados diante dos fatos que nos são apresentados como pontopacífico, procurando saídas dentro de uma ordem que tudo nos leva a crer, permanece inviolável.



Este é o nosso cartão de visita, o nosso balão de ensaio, do que quer vir a ser o suplemento mensal de cultura do jornal EM TEMPO.

Não vamos prometer mundos e fundos. Só um jornalismo criterioso, atual, arejado, amplo, com o alvo de combater o obscenismo institucionalizado, a massificação planejada, e com a certeza de que só se e eficaz nisso se não se usarem antolhos.

Começamos com 4 páginas. Pensamos chegar em 8, num suplemento que de fato se destaque do todo do jornal. Na imprensa "alternativa" as coisas têm que andar de modo lento e gradual já que tudo é caro, o tempo é escasso e a segurança está sempre de olho.

6 de novembro de 1978

Flávio Aguiar (coordenador)
Antônio R. Espinoza
Guido Manteiga
Maria Mores
Maria Rita Kehl
Sueli Nascimento
Valderez Amorim

tempo de cultura

Literatura em carne e osso



"Sabor de Química" Vertente Editora, 1977); "Ciríaco Martins e Outras Histórias" (Alfa-Ômega, 1977). E agora "Crônicas da Vida Operária" (Global-Versus), finalista do prêmio Casa das Américas em 1978, em Cuba. Três livros de Roniwalter Jatobá.

Valderez Amorim

Elementos (críticos) do bom senso podem se transformar em consciência de classe? Pode-se admitir que o nordestino operário em São Paulo esteja sendo bloqueado em sua concepção própria do mundo, dada a atração do canto de sereia da ascensão social na magalópole?

Partindo da idéia de que a consciência de classe não é projeto acabado, tijolo forjado pronto para ser incluído na feitura de homem-bloco, a resposta à primeira pergunta é sim. A consciência de classe é um processo, onde as condições de trabalho e vida têm peso determinante. Ela - consciência - vai se formando na rotina de relações dentro da fábrica, debaixo do nariz do patrão, no vai-vém dos transportes atrasados, superlotados, na frente da TV de Silvio Santos, no ouvido calado ao "sertanejo" Zé Bélio.

Tal idéia, é óbvio, supõe a existência de elementos contraditórios que agitam e se entrecocam na cabeça do sujeito, sem excluir, contudo, a força da ideologia dominante no interior da classe trabalhadora. Enfim, a medida da força nova, da consciência dominante (ou anticonsciência dominante) só pode dar as caras plenamente em fases de relativa explosão da luta de classe, revelando o conteúdo e a qualidade do que lhe é próprio, através da descoberta de formas novas de organização e expressão. Fora dali, a anticonsciência poderá mesmo se camuflar, se conter, mas há sempre uma ponta da embuvida no bom senso do trabalhador frenete à vida e ao trabalho (1).

Ai, nesse ambiente contraditório - mas uma vez - é que é possível tentar compreender a questão do nordestino, operário-migrante, que de repente se vê jogado em meio aos fulminantes anúncios luminosos da grande cidade, como São Paulo. Se, em conversa com ele, o interlocutor não ficar na aparente de suas respostas simples e diretas ("...gosto daqui porque lá a miséria é maior") - descobrirá na sua percepção do mundo, por certo, agudos lances de consciência crítica (2).

Encruzilhadas

Os contos de Roniwalter Jatobá apresentam-nos os migrantes em carne e osso. Nada de mito. Nada de falsa "vanguarda". Lendo os trabalhos do autor, a gente sente os seus nordestinos se colocarem perante o trabalho, o dinheiro, os companheiros do batente da briga. Isso: a literatura de Jatobá aponta encruzilhadas, caminhos e desníos, que, se percorridos, nem sempre dão num ponto de luz. Sua linguagem direta, nua, sem rebuços, contudo não perde, antes capta o que há de mais belo na fala do homem simples.

"Preparo o bote de cair com passos firmes na avenida molhada...".

"Homem Natanael, onde andou teu sonho? Sei que andou andou. Ferreiro, prensista, Homem Natanael, onde andou tua vida? Desandou desandou".

Dois personagens de Roniwalter não se pode dizer que sejam homens-mitos: ideal-tipo de trabalhador-consciência de toda exploração e opressão. Tâmbem de cabe-lhes a pecha da "alienação política". Assim, o crítico viciado na postura do realismo socialista tenderá a desinteressar-se ante suas obras. Virtude do autor, aliás.

Os trabalhadores de "Crônicas da Vida Operária" compõem a realidade de um grupo social em constante formação, permeado de aspectos subjetivos, de confusas contradições culturais, onde os valores das classes dominantes são interiorizados, mas não em absoluto, na medida em que explodem aqui e ali as reações ao despotismo destas classes. São personagens ora timidos, ora falantes, opinando pela declaração ou pelo silêncio.

Conformados: "Gosto daqui muito. O trabalho é corrido, é. Mas lá onde a gente morava é só miséria, aqui é mesmo que tá dentro do céu".

Ou inconformados: "A linha final da montagem corria, o trabalho febril, ligeiro, sem tempo nem pra pensar nos problemas, corrido, se alguém queria ir no banheiro levantava o dedo, gritava ao feitor pedindo, num olhar do feitor já vinha outro substituir, esse outro

chegava, tomava o lugar, o que tinha pedido saia correndo pra o banheiro, corria entre as máquinas, tropeçando, descia as escadas, lá fumava um cigarro enquanto mijava, o feitor lá em cima de olho grudado no relógio, terminava de mijar, acabava de fumar, falava um pouco do serviço do louco, voz baixinha pois o fôlego ainda permanecia, voltava no rastro e assumia o seu posto".

Tais condições de trabalho e vida se reproduzem fora dos muros da fábrica, se refletem no padrão de vida reservado aos operários na sociedade capitalista brasileira. Revelam os limites a que estão sujeitos pelo tipo de habitação ou bairro, pelo nível do aluguel da moradia, pela qualidade dos transportes, pelo tipo de lazer (3). Isso tudo entra forte na produção de Roniwalter.

Coisa nova

Sem mais, deixemos falar alguns amigos:

"1954 - Comprei um terreno no Jardim Helena. No passar do ano fiz em oito domingos seguidos um quarto e uma cozinha, fiz moradia desse começo de casa."

"Imagino o último trem chegando, freando, a parada pouca na estação e ele ligeiro partir, o último da noite, e eu depois voltar por cima do rastro e saindo na avenida de volta, afiito, procurando um maldito ônibus que nessa hora já sumiu, que me deixaria perto de casa se existisse, não!"

"...o ônibus da empresa rumo a São Bernardo, dentro só comentários do domingo, da comida melhor, do dia inteiro passado em casa, sem disposição para nada, do Silvio Santos do meu dia à oite da oite na televisão, (...) comando macarronada em frente à televisão, a preguiça até de mudar de estação, e a loteria esportiva, um sonho tão distante, as discussões e torcida que na próxima semana, enfim, acertaria."

Haveria muito mais que realçar na produção de Roniwalter. A forma literária, a técnica da estrutura narrativa, os comentários com maior rigor, podem sugerir incorreções. No entanto, afirma a indumentária colorida, sua obra con-

tém um fio estrutural extremamente relevante, que é um pouco da biografia ideológica dessa gente migrante, contada e cantada numa linguagem que é mais do personagem que do escritor. Roniwalter trata da dureza da vida-trabalho, mas ao leitor não fica um sabor amargo do personagem derrotado, derrotista; fica esperança de coisa nova que a solidariedade grupal poderá forjar.

"Na cheia dele (o trem) vou escutarando a quebra do silêncio pelas vozes dos homens ali dentro, vendo as vidas sonadas corregidas de tristeza, no rosto do povo estampado uma esperança, por ora fraca, minguada (...) Alguns reclamando, pouco, muito, em volta, aí, não dão pra perder a fé e não me vejo mais só no mundo."

NOTAS:

(1) A questão da consciência de classe, vista por este ângulo, afasta a idéia de se ver a classe operária como se forta somente um pôlo da contradição capital/trabalho, entre os trabalhadores, entre operários. Em sindicatos ou escolas lá estou topando uma discussão em qualquer lugar onde haja gente interessada. Nestas idas tenho até recebido cartas de operários comentando meus escritos como você pode ver aqui, e isto é gratificante demais né? Assim gente vê a intenção se tornando um dado concreto, objetivo. A intenção, que eu digo é esta de fazer algo que chegue aos setores populares, que atinja e sirva, ao menos para discussão.

(2) Ver Antônio Gramsci - "Concepción Dialética da História" (Civ. Brasileira, 1978, 2ª edição, Rio); "Los Intelectuales y la Organización de la Cultura" (Ed. Nueva Visión, 1972, Buenos Aires). Também Bruno Trenit - "Parti et Syndicat, une synthèse nouvelle", in "Politique Aujourd'hui", n° 9/10, 1976 (Paris).

(3) Ver Henri Lefebvre - "A reprodução das relações de produção" (Ed. Escorpião, Porto, 1973).

Roniwalter, a intenção e o gesto.

"A intenção, que eu digo, é esta de fazer algo que chegue aos setores populares, que atinja e sirva, ao menos para discussão".

Consciência de classe? Isso é bicho-de-sete-cabeças que tem medo com muito cíntia social, muito. Não sou nenhum perito no assunto. Minha pesquisa, meus contatos, se restrinjam à região de São Miguel, que abriga migrantes da Bahia e Minas. É visão particularizada, sim, não posso generalizar a questão da consciência, ampliando a coisa para os movimentos migratórios do nordestino neste Brasil afora. É possível, porém, identificar elementos comuns em termos de vivência. Em geral, eles vêm puxados pelos amigos e parentes que lhes conseguem um emprego, ajudam na construção do barraco do recém-chegado. Existe mesmo solidariedade grupal entre a turma. No trabalho, aí quase não falam, preocupados com a segurança no emprego. O sujeito sabe que no portão da fábrica estão rondando milhares de desempregados, esperando a próxima saída para fazer substituição.

Depois passa sete meses mais ou menos como operário gráfico na Editora Abril. Com os estudos supletivo, faculdade, vieram as promoções, veio a mudança de profissão. Roniwalter trata da dureza da vida-trabalho, mas ao leitor não fica um sabor amargo do personagem derrotado, derrotista; fica esperança de coisa nova que a solidariedade grupal poderá forjar.

"Na cheia dele (o trem) vou escutarando a quebra do silêncio pelas vozes dos homens ali dentro, vendo as vidas sonadas corregidas de tristeza, no rosto do povo estampado uma esperança, por ora fraca, minguada (...) Alguns reclamando, pouco, muito, em volta, aí, não dão pra perder a fé e não me vejo mais só no mundo."

Quero atingir o leitor ir a ele. de "Sabor de Química", o primeiro livro foi dissabotado primeiramente. As livrarias não quiseram aceitá-lo. A publicação barata não dava lucro. A seguir, "Ciríaco Martins e Outras Histórias", livro caro e mal distribuído. Agora "Crônicas da Vida Operária", melhor trabalho gráfico, o preço que se passa com ele, mas consciência de classe não sei não... Também não vejo discriminação entre trabalhadores migrantes e locais. Sofrem igual em tudo na vida: não têm especialização profissional, são poucos destes, vivem pulando de galho em galho. Maior discriminação está entre os trabalhadores brasileiros e os estrangeiros, pois estes ganham três vezes mais que aqueles, por aí.

Mistificação do operário? Na literatura, por exemplo, tem alguns serões. Muita gente me cobra a falta de consciência de classe dos meus personagens, dizem que eles são "alienados". Explico que a minha reflexão sobre o tema envolve a experiência pessoal minha, o que consegui apreender do real, tentativa de captar o operário como ele é, só. Ele é homem de carne e osso, músculos, que ama e odeia, que sofre calado na pele, mas que também exploda na reivindicação, na briga. Alguns escritores brasileiros, quando trataram do tema, criaram o protótipo do homem consciente, fazendo um operário padrão que sabe das coisas, reage de pronto a exploração do patrônio. Discordo disso, não percorre esse caminho, pois não foi isso que eu vi. Ví o que vivi, avanços e recuos, limites.

(Roniwalter ao gravador, no último dia 22. Texto revisto pelo autor. V.A.)

ZÉ

Dia 22 de setembro aniversariou aqui em São Paulo o Caixão de Zé Mojica Marins, tendo o cineasta convidado amigos e público em geral para um coquetel em seus estúdios da Móoca. E como os tempos são de exaltação cívica, também o Caixão promete quebrar seu silêncio: de vida voz ele agradece a homenagem, aproveitando a ocasião para escutarmos os inimigos de Zé do Caixão.

Não era a primeira vez que Mojica organizava coisas desse tipo. Sempre que tem algo a declarar ele promove uma festa, uma comemoração. O gênio é vivo e não perde tempo nessa chanchada vampiresca que críticos e cineastas insistem em produzir através da pequena e grande imprensa. Zé do Caixão não curte vampiro. Quem curte Zé do Caixão?

Fui para o coquetel esperando encontrar os jovens realizadores aqui de São Paulo, porque afinal não é todo dia que se pode manter contato imediato com o verdadeiro objeto não identificado do cinema brasileiro, essa tal de INVENÇÃO. Mas a grande maioria das figuras que compareceram ao aniversário eram pessoas lá do pedaço mesmo, assistentes e alunos do Mojica que, além de invejá-las, admitem que, dirigir uma escola de cinema, mistura de seita ocultista com programa de calouro. Já estive por lá uma época, curtindo os ensinamentos do cineasta: longas considerações sobre a morte, histórias exemplares, panorâmicas da vida no planeta, a sua em especial. Tudo isso pra ilustrar uma prática de cinema que não dissimula as condições em que

é transada: indústria cultural em paixão. A coisa não ficava por aí, já que o objetivo da escola era a formação de técnicos, atores e assistentes para as produções de Mojica, o que determinava um envolvimento direto dos "iniciadores" com os filmes que estavam sendo produzidos. Isto é, Mojica procurava, no varrejo, cuidar daquilo que a Embrafilme deveria estimular no atacado: formação de novos quadros estáveis de realizadores, para o mercado em expansão. As dificuldades para isso certamente são enormes e a Embrafilme não é deus nem mãe do cinema brasileiro. Mas não será dando verbinhas "não comerciais" para esse ou aquele documentarista ou copatrocínio cursinhos marretas de técnica cinematográfica que a empresa suprirá, a médio prazo, a demanda de filmes brasileiros para cinema e televisão. Política cultural não é donativo moralista e sim investimento planejado de capital. Neste momento em que as mafias multinacionais voltam a agitar suas bandeirolas anti-estatizantes numha nova tentativa de quebrar a Embrafilme, é indispensável que a empresa tenha mais sensibilidade para se articular melhor com os verdadeiros interessados em defendê-la. Entre eles os novos realizadores que inclusive PRECISAM que a Embra exista para que possam se consolidar. Mas essa é uma outra história. Internamente, ainda sobre seu Senai do além, leiam esse desabafo de Mojica: "Tem gente por aí que diz que começou do nada... Não é verdade, conheço a coisa toda. Hoje o ele-

mento é produtor e diretor de cinema, diretor de fotografia, conta tudo nas reportagens, menos essa passagem por aqui, mas foi aqui que ele aprendeu o que era cinema. Hoje o elemento tem casas, tem mansões, tem equipamentos próprio, é um grande amigo meu, mas não confessa onde começou, porque se disser que começou aqui, o elemento é desprezado pela sociedade, porque sou um homem mal-dito. Quer dizer, são obrigados a fazer assim, por uma questão social.

E por isso que prefiro ficar num barzinho com três quatro amigos meus discutindo como será proximamente. Em ambientes sofisticados só vou contratado, porque não falam a verdade, é muito hipocrisia e não posso desmentir, dizer na cara dele que ele é um sem vergonha".

Mas atenção: Mojica se diz mal-dito com a boca cheia e a trip a Grande-artistas-Incompreendidos-Amargurado não faz o seu gênero. É fácil perceber porque. O criador de Zé do Caixão já dirigiu 29 longas metragens entre porcarias e obras primas. Desta últimas, conheço três: à meia noite levarei tua alma, à meia noite encarnarei no teu cadáver, estranho mundo de Zé do Caixão. "Ritual dos Sádicos" que ele declara ser seu melhor filme, continua sequestrado pela Censura. Paparicado nas Europas (um primitivo!) e enchendo salas por sinal. Ainda sobre seu Senai do além, leiam esse desabafo de Mojica: "Tem gente por aí que diz que começou do nada... Não é verdade, conheço a coisa toda. Hoje o ele-

mento é produtor e diretor de cinema, diretor de fotografia, conta tudo nas reportagens, menos essa passagem por aqui, mas foi aqui que ele aprendeu o que era cinema. Hoje o elemento tem casas, tem mansões, tem equipamentos próprio, é um grande amigo meu, mas não confessa onde começou, porque se disser que começou aqui, o elemento é desprezado pela sociedade, porque sou um homem mal-dito. Quer dizer, são obrigados a fazer assim, por uma questão social.

E por isso que prefiro ficar num barzinho com três quatro amigos meus discutindo como será proximamente. Em ambientes sofisticados só vou contratado, porque não falam a verdade, é muito hipocrisia e não posso desmentir, dizer na cara dele que ele é um sem vergonha".

Mas atenção: Mojica se diz mal-dito com a boca cheia e a trip a Grande-artistas-Incompreendidos-Amargurado não faz o seu gênero. É fácil perceber porque. O criador de Zé do Caixão já dirigiu 29 longas metragens entre porcarias e obras primas. Desta últimas, conheço três: à meia noite levarei tua alma, à meia noite encarnarei no teu cadáver, estranho mundo de Zé do Caixão. "Ritual dos Sádicos" que ele declara ser seu melhor filme, continua sequestrado pela Censura. Paparicado nas Europas (um primitivo!) e enchendo salas por sinal. Ainda sobre seu Senai do além, leiam esse desabafo de Mojica: "Tem gente por aí que diz que começou do nada... Não é verdade, conheço a coisa toda. Hoje o ele-

mento é produtor e diretor de cinema, diretor de fotografia, conta tudo nas reportagens, menos essa passagem por aqui, mas foi aqui que ele aprendeu o que era cinema. Hoje o elemento tem casas, tem mansões, tem equipamentos próprio, é um grande amigo meu, mas não confessa onde começou, porque se disser que começou aqui, o elemento é desprezado pela sociedade, porque sou um homem mal-dito. Quer dizer, são obrigados a fazer assim, por uma questão social.

E por isso que prefiro ficar num barzinho com três quatro amigos meus discutindo como será proximamente. Em ambientes sofisticados só vou contratado, porque não falam a verdade, é muito hipocrisia e não posso desmentir, dizer na cara dele que ele é um sem vergonha".

Mas atenção: Mojica se diz mal-dito com a boca cheia e a trip a Grande-artistas-Incompreendidos-Amargurado não faz o seu gênero. É fácil perceber porque. O criador de Zé do Caixão já dirigiu 29 longas metragens entre porcarias e obras primas. Desta últimas, conheço três: à meia noite levarei tua alma, à meia noite encarnarei no teu cadáver, estranho mundo de Zé do Caixão. "Ritual dos Sádicos" que ele declara ser seu melhor filme, continua sequestrado pela Censura. Paparicado nas Europas (um primitivo!) e enchendo salas por sinal. Ainda sobre seu Senai do além, leiam esse desabafo de Mojica: "Tem gente por aí que diz que começou do nada... Não é verdade, conheço a coisa toda. Hoje o ele-

mento é produtor e diretor de cinema, diretor de fotografia, conta tudo nas reportagens, menos essa passagem por aqui, mas foi aqui que ele aprendeu o que era cinema. Hoje o elemento tem casas, tem mansões, tem equipamentos próprio, é um grande amigo meu, mas não confessa onde começou, porque se disser que começou aqui, o elemento é desprezado pela sociedade, porque sou um homem mal-dito. Quer dizer, são obrigados a fazer assim, por uma questão social.

E por isso que prefiro ficar num barzinho com três quatro amigos meus discutindo como será proximamente. Em ambientes sofisticados só vou contratado, porque não falam a verdade, é muito hipocrisia e não posso desmentir, dizer na cara dele que ele é um sem vergonha".

Mas atenção: Mojica se diz mal-dito com a boca cheia e a trip a Grande-artistas-Incompreendidos-Amargurado não faz o seu gênero. É fácil perceber porque. O criador de Zé do Caixão já dirigiu 29 longas metragens entre porcarias e obras primas. Desta últimas, conheço três: à meia noite levarei tua alma, à meia noite encarnarei no teu cadáver, estranho mundo de Zé do Caixão. "Ritual dos Sádicos" que ele declara ser seu melhor filme, continua sequestrado pela Censura. Paparicado nas Europas (um primitivo!) e enchendo salas por sinal. Ainda sobre seu Senai do além, leiam esse desabafo de Mojica: "Tem gente por aí que diz que começou do nada... Não é verdade, conheço a coisa toda. Hoje o ele-

Goffredo Telles

a verdade é que a barra do Caixão era mais pesada do que se poderia supor e nem mesmo a honra de ter seu bolo de aniversário (caixão de chocolate, em tamanha natural) cortado por um deputado presente a festa pode evitar o pior. No dia seguinte, ao ser guardado no armário, o Caixão despenhou em cima de Mojica, quebrando-lhe a cravida.

Assistir a fala do Caixão e observar depois Mojica se fazendo filhar aos braços com Mario Schemberg, murmurando sobre a sua orla grande fisião que sorria balançando a cabeça, olhos semi-cerrados... Qual é a de Mojica, essa cara que resolveu inventar seu próprio cinema?

Só de leve, Mojica não tem nada de primitivo nesse sentido very typical que procura diluir no folclore o pavor que as elites têm dos miseráveis. Mojica é, isso

A Universidade segundo

Antônio Cândido

Em Tempo - Que razões levaram os professores universitários a buscarem as Associações de Docentes como forma de organização. Há uma "rearticulação geral da sociedade civil". Haveria razões internas, próprias da universidade?

Antônio Cândido - Houve convergência de motivos: necessidade de um veículo para exprimir as opiniões e reivindicações do corpo docente; luta por salários melhores; tentativa de influir na reformulação da carreira; preocupação com os contrastes entre o tipo de poder exercido nas universidades e a sua verdadeira composição, etc. Estes e outros motivos variam conforme o caso. É possível que haja por aí associação de docentes de cunho meramente oficialesco, adesista e convencional. Não sei. Mas penso que a pergunta se refere às que estão surgindo nos últimos tempos com ânimo crítico e reivindicativo na linha de inconformismo mais ou menos generalizado que se manifesta nas instituições de ensino superior do Brasil. Sob este aspecto elas correspondem ao esforço de participar na restauração do comportamento democrático na universidade e no país.

Internamente há uma grande contradição nas universidades: em geral elas são organizadas e dirigidas como se o corpo docente ainda fosse constituído pelos titulares, quando o grande fato do nosso tempo é a diferenciação dos níveis docentes com equivalente difusão da competência e da contribuição ao ensino e à pesquisa. As universidades são movidas pelo trabalho de uma maioria absoluta de não titulares, mas apesar da organização departamental e das novas formas de representação das categorias sabemos que na maioria dos casos o poder ainda está concentrado em cúpulas cuja maioria é de titulares e adjuntos, com uma capacidade incrível de continuidade. Ora, só se pode admitir a duração prolongada de alguém no poder, em fases de organização e ainda aí ela só funciona bem quando surgem indivíduos excepcionalmente dotados para usar o mando em benefício da instituição o que é raro.

Devo dizer que falo com base sobretudo na minha experiência da USP. Mas sei que na maioria das universidades mais ou menos "tradicional" o panorama é semelhante. Vistas deste lado, as associações de docentes representam o grande desejo e a grande necessidade de ajustar o poder à realidade interna e externa das universidades, num sentido democrático e anti-oligárquico.

ET - Há quinze anos criticavam-se a cátedra vitalícia, como autoritária; o número de vagas, como insuficiente; a política de verbas, como pobre. De lá para cá houve uma reforma universitária; que alterações ela trouxe e que relações tem com o surgimento das associações?

AC - Em matéria de reforma universitária tem havido pouca melhoria e muita deceção. Não ataco indiscriminadamente os que as fazem, porque uma reforma não depende basicamente dos seus autores nominais. Depende das condições gerais da sociedade, do peso da tradição institucional, das profundas atitudes de grupo, das quais as pessoas nem sempre têm consciência. O nosso momento é de certo desnorteio quanto à função das universidades, e para sermos honestos devemos dizer que ainda não conseguimos ver com clareza quais são os caminhos que elas devem tomar. Até que isso se defina melhor, todas as reformas estão fadadas a serem insuficientes e decepcionantes. E será difícil instaurar na mentalidade renovada, flexível, como a que o Reitor Zefirino Vaz conseguiu favorecer na UNICAMP. Mas é claro que há reformas melhores e piores. Penso que elas serão tanto melhores quanto mais ampla for a base de discussão sobre que repousarem; e quanto mais conseguirem quebrar a atuação dos pequenos grupos de donos do mecanismo de mando, - que podem ser honestos e bem intencionados. Não é disso que se trata. Trata-se de abrir a discussão, de acabar com as decisões tomadas no segredo dos iniciados. As associações de docentes poderão lutar para corrigir isto, como foi o caso da memorável campanha empreendida em 1977 na USP contra o projeto de reforma do Regimento Geral e dos Estatutos, que conseguiu suscitar um verdadeiro movimento de opinião do corpo docente, inclusive de muitas congregações.

As associações docentes podem atuar com eficácia no sentido de favorecer uma nova mentalidade de dis-

cussão, de abertura e de combate ao regime de cocheiro, recinto fechado e infalibilidade burocrática. Deveremos criar a possibilidade de atuar sobre os dirigentes e fazer chegar a cada momento aos órgãos diretores a opinião dos professores de todos os níveis, inclusive para favorecer a emergência das lideranças legítimas (não apenas "oficiais"). Essas associações devem ser críticas e independentes em face do poder universitário do Estado. Não para desacatá-los, como pensam imediatamente os autoritários, sempre inclinados a considerar subversivo o que é desejo de análise, esclarecimento e mudanças: mas para fazer sentir quais são as aspirações e necessidades da instituição, vista pelos que a integram como trabalhadores intelectuais. Sem essa mudança de mentalidade as reformas serão em grande parte formais e parciais. Isso posto, respondendo uma outra parte da questão. A cátedra em si não era mal nenhum, e correspondeu a uma etapa da evolução das instituições universitárias. O importante não era extinguila, mas criar novas condições de funcionamento do ensino e da pesquisa, da hierarquia, da liderança, segundo as características da fase que estamos vivendo. Extinguiu-se a cátedra, criaram-se os departamentos e alguns freios ao autoritarismo, mas a mentalidade mudou relativamente pouco e o cargo de titular continua sendo visto como único para cada disciplina, além de concebido como privilégio brilhante. Ainda mais: de um lado os titulares e adjuntos nem sempre renunciam à atitudes de mando; de outro lado, os assistentes nem sempre assumem as responsabilidades políticas e administrativas, o que permitiria mudar o antigo estado de coisas. Resultado é que por este Brasil afora o autoritarismo continua tomando com certa facilidade o lugar da autoridade; e o arbítrio, o da liderança natural, sobretudo quando o mesmo acontece no plano da política nacional, com o regime autoritário, arbitrário, cheio de arcaísmos que é este que está aí. Na universidade e na Nação, isso funciona como freio da vontade coletiva e dos interesses da maioria.

ET - O que uma Associação de Docentes deve fazer para ajudar a democratizar a vida interna de uma universidade, e para ajudar a torná-la uma força democrática na sua comunidade?

AC - Deve fazer tanta coisa que é difícil enumerar. Um exemplo: deve lutar para corrigir o isolamento individual e institucional. Hoje os docentes vivem segregados nos institutos e nos departamentos. Raramente se encontram, não se conhecem, reúnem-se surpresos e desorganizados nos momentos de crise. Nos órgãos dirigentes, só convivem os titulares e adjuntos, com uma pequena amostra das outras categorias. Portanto, isolamento horizontal entre as unidades e isolamento vertical entre as categorias. E sabemos que quando os cidadãos estão isolados o tirano atua com maior folga. As associações de docentes têm permitido o encontro periódico de colegas de todas as especialidades e todas as categorias, nas assembleias, nos debates, nas mesas redondas, nos conselhos gerais e de unidade. Essa função unificadora pode ter consequências incalculáveis para o futuro das universidades. Ela poderá fazer o que as boas intenções e os programas interdisciplinares nunca puderam fazer. Nas assembleias da ADUSP, nas reuniões mensais do seu Conselho de Representantes, - matemáticos, enfermeiros, físicos, economistas, sociólogos, etc., de todos os níveis, debates fraternalmente, em pé de igualdade, os problemas de interesse comum da universidade. Isso é diferente das congregações e conselhos universitários, eminentemente "seletivos", elítistas, formados em maioria absoluta por professores dos graus superiores, ligados muitas vezes à rotina burocrática, vincados pelo hábito de mandar. Esta unificação em larga escala pode ser o começo de uma nova era, em que a universidade comece a atuar como um todo, acima das suas unidades. Só vendo isso entendi uma frase de Crodovaldo Pavan, que é um paladino da integração e do debate: que a salvação da universidade está nas associações de docentes.

ET - Qual a melhor maneira - e os principais problemas - para se organizar uma Associação?

AC - Creio que a maneira pela qual se organizou a ADUSP é boa mas naturalmente tudo depende do lugar e da circunstância: (1) luta energética pelos salários

As associações de professores universitários surgem em todo o País. Neste depoimento a **Em Tempo** Antônio Cândido, professor de Teoria Literária da Universidade de São Paulo, professor da Universidade Estadual de Campinas, discute os motivos que levaram os professores a procurarem esta forma de organização. Antônio Cândido é membro da atual diretoria da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP). Sobretudo, é um dos professores a quem se deve a sobrevivência do espírito crítico na universidade, numa época em que se oficializou o obscurantismo. (entrevista a Flávio Aguiar).

adequados; (2) luta pela democratização do poder na universidade; (3) promoção de estudos e debates sobre a cultura e a função da universidade; (4) luta contra todas as formas de pressão ideológica, dentro e fora da universidade, que acabam lesando o trabalho intelectual.

Muitos docentes não têm disposição associativa nem mesmo ânimo combativo no terreno da cultura. Mas a luta salarial é um denominador comum, que move a união de todos e assim serve eventualmente de estímulo para despertar os outros interesses mencionados. É um erro dizer que ela significa algo material e abaixo das cogitações dignas de universitários; ela é uma questão de dignificação do trabalho e representa um traço de união inestimável, desenvolvendo a consciência social de cada um.

Na ADUSP, a luta salarial bem sucedida fez aumentar o número de sócios, e estes cresceram ainda mais depois do êxito da luta contra o projeto de Regimento Interno. Estatutos. Hoje, somos 2.500 associados em 4.500 docentes, o que é significativo.

ET - O 477, as cassações, as aposentadorias punitivas as denúncias de triagem ideológica na seleção de professores caracterizaram uma "universidade ocupada", na expressão de Érico Veríssimo. Quais são as perspectivas quanto as dificuldades, para a "desocupação" da universidade?

AC - Possibilidade de atingir estes fins depende da conjuntura política do país, é claro. Nos momentos de repressão muito forte resta apenas o inconformismo para os que não se lançam na difícil luta aberta. Se a situação melhora, surge a possibilidade de protesto, que é um grau acima como forma de resistência. Finalmente criam-se condições para a luta das ideias, a exposição das divergências, os atos públicos, as campanhas, os manifestos, etc. Estamos nesta etapa, que vem sendo duramente conquistada pelo esforço comum dos que não aceitam o regime. Em tal etapa, as associações de classe têm um certo âmbito de ação e podem de fato atuar com alguma eficiência. A EDUSP tem promovido gestões, reuniões, estudos, publicações sobre os problemas que você menciona. As dificuldades são muitas e os resultados finais dependem da evolução dos acontecimentos políticos. Mas nossa meta é trazer de volta os colegas excluídos, restabelecer o equilíbrio intelectual e moral da universidade. Só assim nos sentiremos como sobreviventes da vergonha.



Kehl

COPA E COZINHA UMA SEÇÃO A LA MINUTA



Cinema catástrofe

Produção de 25 milhões de cruzeiros, lançamento nacional com duzentas cópias, publicidade monumental em todos os meios de comunicação. Quatorze mil figurantes nas sequências de guerra, elencos milionários e fracasso total de bilheteria. Tais Paulo Thiago com seu filme "Guerra dos Guararapes" lançou aqui no Brasil o autêntico cinema de catástrofe. E isso sem conseguir filmar batalha nenhuma porque o filme é tão opaco, tão mal transado que justificaria melhor o nome de batalha de Itaré, a tal que não aconteceu.

O filme já está saindo de circulação em São Paulo. Em Minas não se soube nem uma semana de exibição. E o Lívio Brunientrou pelo cano. O interessante é que se a distribuição fosse Embrafilme, já teria

gente dizendo que tinha havido sacanagem na jogada, que na empresa todos corruptos e incompetentes e que talvez fosse mesmo o caso de privatizá-la ou pelo menos acabar com seus privilégios", etc., etc... Guararapes foi bem lançado.

Sua produção é bem cuidada. Se é caretá, estéril, isso não tem nada a ver com a fortuna que foi investida nele. Esse negócio de meter o pau num filme porque ele custou caro é uma bobagem que só reforça o fantasma moralista da serpente, corrompendo a pureza da cultura. Guararapes não deu certo porque pretende ser uma epopeia e não passa de "cinema posado". Epopeia é História eletrificada pela paixão. Isso, em cinema, se produz no tempo da montagem: fluxo contínuo de sentido (Hum-

berto Marzo disse que cinema é caçoeira...) liberado não pela acumulação dos planos mas pela tensão que mantém entre si.

E a ausência dessa tensão faz de "A Guerra dos Guararapes" um filme chato, isto é, sem profundidade, um suntuoso desfile de espetros.

Mas nem tudo está perdido: o filme tem momentos muito bons, principalmente aqueles filmados de Helicóptero. Aliás, se Paulo Thiago quisesse mesmo seguir a barra neoclássica de seu filme, deveria tê-lo filmado inteiro do helicóptero. Essa seria inclusiva uma bonita homenagem do cinema brasileiro ao Dia do Aviador que festejamos em outubro.

(GTN).

O que você acha: DEBATE Homossexual é gente?

A tentativa de organizar, em São Paulo, um Núcleo de Defesa dos Direitos dos Homossexuais recolocou em primeiro plano o tema dos movimentos sociais das chamadas "minorias". Já há vários grupos e associações feministas no Brasil; nas principais cidades brasileiras há grupos e jornais que debatem a situação do negro; no Rio surgiu e cresceu o chamado e discutido movimento "Black Rio"; também no Rio apareceu "O Lampião", jornal voltado para a discussão dos problemas da homossexualidade. O que significam esses movimentos, qual sua relação com o conjunto da sociedade: este é o tema do debate que segue. Participam Jean Claude Bernadet, crítico de cinema; Inês Castilho, jornalista de Nós, mulheres; Raquel Moreno, militante feminista; João Silvério Trevisan, escritor; Edelcio Mostaço, ator e diretor teatral e Cesar Augusto de Carvalho, professor de Teoria Política.

Cesar Augusto: A idéia deste debate é colocar em discussão o problema das "minorias". Para dar a saída, duas questões: o que significa movimento minoritário numa sociedade em crise; quais os limites da ação desses movimentos?

Jean Claude: Eu colocaria em questão o próprio uso da palavra "minoria". Atualmente no Brasil usa-se esta palavra a respeito de mulheres, de homossexuais e de negros. Em relação às mulheres a palavra é inteiramente descabida, do ponto de vista cultural e estratégico: não tem o que discutir. Em relação aos negros, tem o que discutir: é provável que esta sociedade, durante certo tempo, tenha sido majoritariamente negra. Com a miscigenação, passou a ser majoritariamente branca. Em termos quantitativos, pode-se falar em minoria negra. Em relação aos homossexuais, se a gente considera um comportamento sexual exclusivamente homossexual, também pode-se falar quantitativamente em minoria. Embora o relatório Kinsey, que abrange desde o comportamento exclusivamente homossexual até o de pessoas que pelo menos uma vez na vida tiveram um relacionamento homossexual, chegue a mais de 50% da população americana. O caso é de se perguntar se o critério quantitativo é válido. Eu acho que em termos dos negros esse critério não tem o menor sentido. Se a gente considerar que esta sociedade foi majoritariamente negra e passou, devido a todo um trabalho da classe dominante, a ser majoritariamente branca, e que todo o processo cultural negro permeou o processo cultural da sociedade em geral, não se pode usar um critério quantitativo. Se é que se pode falar em "problema negro", ele é extensivo ao conjunto da sociedade, mesmo que as pessoas de sangue exclusivamente negro sejam minoria. Eu me pareço que sobre o homossexualismo a mesma coisa pode ser dita. Homossexualismo não diz respeito apenas a homossexuais, mas ao conjunto da sociedade. O próprio fato de se usar a palavra "minoria", baseada num critério quantitativo e não num critério de processo social, já é uma maneira de isolar grupos estigmatizados da sociedade global. Existe a sociedade global, existem minorias, mas acontece que essas minorias dizem respeito a sociedade global.

Cesar Augusto: O movimento minoritário não se define em função da qualidade. O termo surge mais como em comparação aos movimentos políticos de classe. Normalmente se considera esses movimentos, chamados minoritários, como movimentos sociais e não como políticos. Assim exclui-se seu caráter combativo, negador do status quo. Mas acho que o conceito de minoria pode ser mantido porque nem os homossexuais, nem as mulheres, nem os negros apresentam uma perspectiva de mudança social em analogia apresentada pela classe operária. O problema é saber em que medida esses movimentos minoritários não teriam que atuar numa perspectiva de transição tendo em vista que a classe operária no mundo ocidental e não só nos países desenvolvidos se vê constantemente integrada, alienada, cada vez mais inerte. O movimento minoritário poderia, através da sua ação política, também servir como uma força propulsora...

Mulher e sindicato

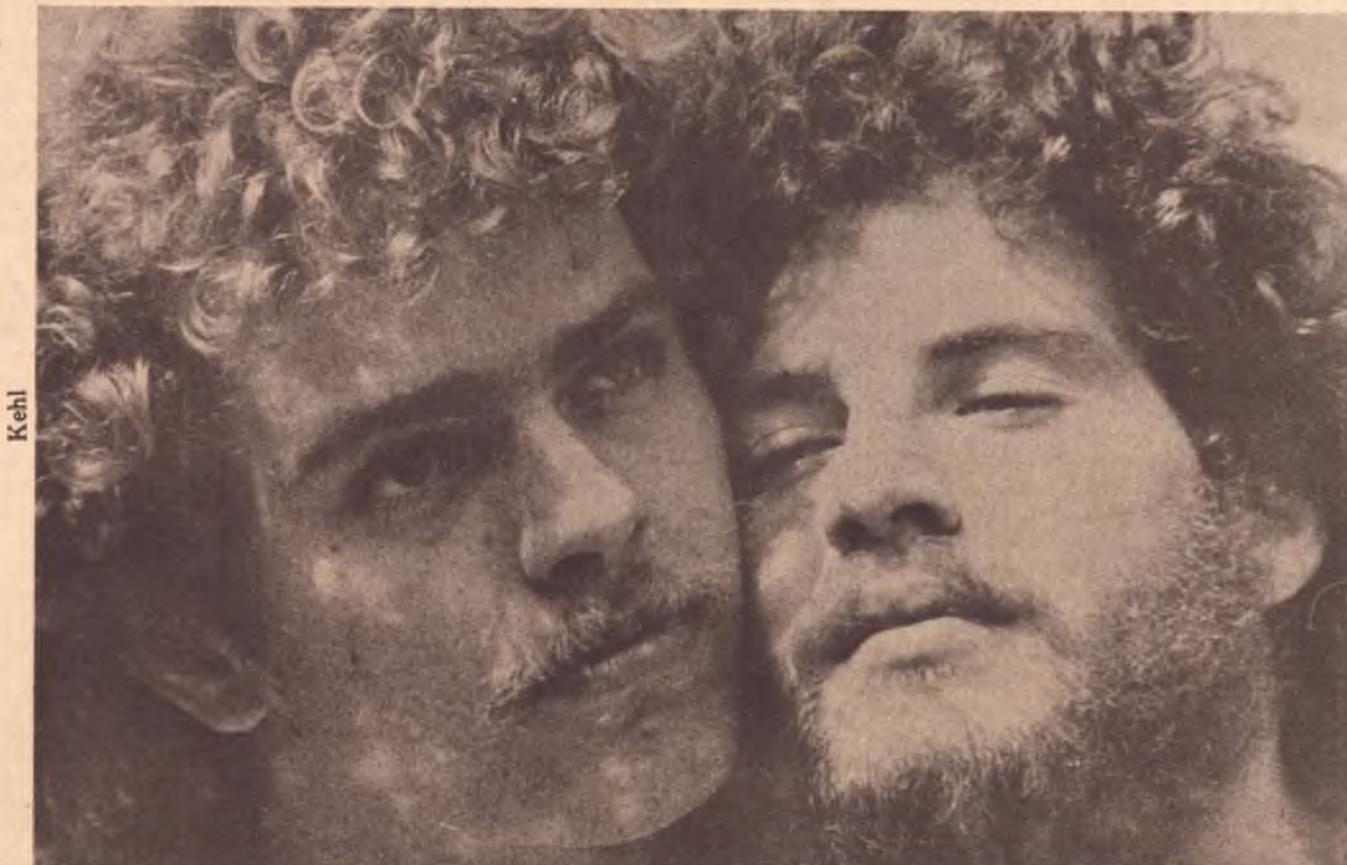
Raquel: Para ficar nos limites que você colocou: ultimamente tem havido uma série de congressos entre os operários, particularmente entre os metalúrgicos e químicos. Há outros pra estourar neste próximo ano. Nesses congressos os sindicatos ou oposições sindicais em alguns casos têm se dado ao trabalho de tentar reunir as mulheres e levantar a situação que elas realmente vivem. Um pouco por curiosidade, um pouco talvez por que essas lideranças operárias compartilham dessa visão de um movimento que pode ser propulsor de qualquer outra coisa. Além disso, fazer um congresso sobre mulher não é tido como movimento "político", assim apresenta as vantagens da mobilização política e menos riscos do que algo diretamente classificado como "político". Nesses congressos, as mulheres têm levantado

Ou deve ir para o asilo, como os velhos?

Ou para o hospício, como os loucos?

Ou para a cozinha, com as mulheres?

Ou ficar quatro séculos na canga, como os negros?



tado problemas de superexploração, uma série de problemas que em geral não costumam constar, ainda, infelizmente, do programa da "grande maioria" que nos interessa. Por exemplo: a dupla jornada de trabalho, a possibilidade e a necessidade da socialização dos trabalhos domésticos, sem o quê o programa da classe operária - que pretende encaminhar a solução de todos os problemas da sociedade, estaria incompleto...

Inês: ...deixando uma minoria pra fora...

Raquel: ...uma minoria de 51% da humanidade! Minoria que permeia tanto a classe operária quanto o movimento negro e o homossexual...

Inês: Diz-se que a classe trabalhadora constitui o único movimento político que realmente interessa...

Trevisan: ..."prioritário" é a palavra usada...

Inês: ...até muito recentemente e ainda por muita gente. Eu acho que se esquecem de que dentro de uma sociedade verdadeiramente democrática todo mundo realmente deveria ter o direito de viver sua própria sexualidade, sem estígmas. Somos empurrados culturalmente à heterossexualidade e reprimidos quando conseguimos escapar à determinação cultural - a mulher tem que ser passiva; o homem tem que ser agressivo etc. São milhares de coisas que permeiam a vida social e não são tomadas como fatores políticos, apesar de o serem. Eu diria que aí está a essência de uma sociedade de que busque ser democrática - deve incluir negros, homossexuais, mulheres.

Trevisan: Vou só complementar. Tenho a impressão de que está existindo um problema de definição do que é "política", "ação política". Dentro de uma velha definição de "política", enquanto tomada do poder, por vias eleitorais ou não, existem realmente minorias. Acho que é dentro dessa conceituação de "ação política" que tem sido utilizado o termo minoria. Mas eu me pergunto se trepar também não é um ato político. Porque existem vários níveis de ação política. A mulher, o negro e o homossexual têm alguns problemas específicos, outros comuns. Mas somos todos igualmente definidos como minoria porque nossos problemas, de um ponto de vista dogmático, são na verdade considerados como politicamente irrelevantes.

Da porta para dentro

Raquel: É um pouco como se a revolução devesse se dar da porta pra fora. Dentro de casa não, a gente deve preservar as coisas como estão, para ter melhores condições de modificar o mundo lá fora. Pouco importa que essas "melhores condições" acabem na verdade sendo uma opressão maior das mulheres e de outros grupos. E que o caminho que pretendam levar a uma liberação da sociedade acabe na verdade palmilhado de tantos problemas quanto esses da sociedade que a gente pretende modificar.

Edelcio: Quanto ao conceito de minoria, ele em si já é um jogo que o sistema faz, tentando isolar todas as forças, os agentes possivelmente revolucionários que possam provocar alguma mudança social. Eu acho que a "minoria" não se configura mais quantitativamente mas sim qualitativamente. Ou seja, é aquele grupo que consegue fazer certas especificações sobre sua partici-

pação, consegue criar determinadas metas e métodos de ação social. Nesse nível dá pra se falar em minoria. Do ponto de vista da quantidade as mulheres não são minoria. Mas do ponto de vista da atuação sim. No momento existe uma minoria de mulheres que tem consciência dos seus problemas, da sua real situação...

Cesar Augusto: Quando coloquei que os movimentos minoritários são vistos apenas como movimentos sociais, não quis dizer que eu entenda assim esses movimentos. O movimento minoritário parece algo à margem de questões importantes, como, por exemplo, do problema da revolução política da classe operária - o que faz o movimento minoritário ficar relegado a um segundo plano. Essa perspectiva tem que ser combatida. Eu citaria por exemplo a União Soviética. Quando lá se subordinou, a questão feminina às diretrizes de um partido político...

Trevisan ... todos os partidos comunistas, em geral, fazem isso...

Cesar Augusto: Sim, e qual é o resultado? Caso a sociedade seja modificada, as minorias continuam sendo tanto ou mais reprimidas do que antes. A perspectiva de mudança social não pode apenas ser vista do enfoque da tomada do poder, mas sim no plano global. O problema do prazer não pode ser deixado pra sociedade futura. Temos que colocá-lo desde já. Colocá-lo hoje é uma perspectiva revolucionária, porque significa lutar contra o conceito do corpo como mero instrumento do trabalho... Lutar contra o próprio trabalho produtivo, ou seja, alterar a função do trabalho na sociedade. Nesse sentido o que estamos chamando, provisoriamente, de "movimento minoritário" teria condições de colocar esse problema e de levá-lo a frente.

Edelcio: A ideologia dominante cria a "minoria" a partir de determinados tabus. A mulher, por exemplo, é estigmatizada através de todo um esquema armado pra transformá-la num ser inferior, menos inteligente, passivo. A mesma coisa com os negros, os homossexuais, os esquizofrénicos, vários outros grupos. Quer dizer, a ideologia dominante cria uma série de artimanhas para manter a sociedade debaixo do tacão. Quando eu me referia a minorias que se manifestavam qualitativamente eu me referia a componentes mais conscientes desses grupos, que começavam a denunciar as fontes de opressão. Nesse nível eu acho que política é um comportamento. Não é aquela coisa feita apenas pra fora do portão de casa. Existe uma modificação interior que deve corresponder a uma modificação exterior. Não se pode mais pensar numa reestruturação social que não leve em consideração esses aspectos. Já tivemos inúmeros exemplos de países que passaram de um modo de produção pra outro. E no entanto não ocorreu a mesma modificação no modo de estruturação social. Por exemplo, veja-se o problema do machismo...

Roque: Na verdade a gente não vive só numa sociedade de classes mas também numa sociedade patriarcal...

A questão do patriarcado

Trevisan: O problema todo está aí: ao se falar de minoria, me parece absolutamente necessário partir de um enfoque que ultrapasse o mero ponto de vista da luta de classes. Além disso, dentro da esquerda, em geral, a sexualidade é considerada coisa insignificante

por ser vista como improdutiva economicamente. Entretanto para uma análise das minorias é preciso levantar o problema do patriarcado - mesmo que em geral não interesse as esquerdas. Acontece que o patriarcado não é apenas um privilégio da sociedade capitalista, nem de uma única classe. Acho realmente muito importante que a Raquel mencionasse isso. É verdade que o patriarcado se manifesta profundamente numa sociedade capitalista, na predominância e supermania do macho dentro da nossa sociedade. É através dele que se define a cultura, que se cria a riqueza e se perpetua a propriedade; é através dele que se definem todos os valores. Algumas análises marxistas têm que ser aproveitadas, mas acrescidas de outras que o marxismo não consegue abranger. O próprio marxismo resulta de um momento histórico determinado que foi um dos momentos culminantes do patriarcado: a revolução industrial. O capitalismo é um produto típico desse patriarcado - mas não é o único. A concorrência, um comportamento patriarcal tão importante na nossa sociedade capitalista, ainda existe no socialismo, através da luta pelo poder, também como produto cultural do patriarcado. A consagração da heterossexualidade é sem dúvida um outro produto típico do patriarcado. Nas análises sociais geralmente feitas por aí as coordenadas giram em torno da luta de classes. Caiu fora disso, não se sabe mais o que dizer. Não se interpretam mais as sociedades senão até aí. Se eu for considerado pequeno-burguês e não classe operária, então não tenho nada mais a fazer senão curtir esse sentimento de culpa diante da revolução... ora, chega de sentimentos de culpa.

Edelcio: Conversei com vários homossexuais pra discutir esse tipo de problema e eles colocaram o seguinte: mas até que ponto a gente deve se unir com as mulheres? Até que ponto nós não somos competidores para as próprias mulheres? Uma colocação...

Trevisam: ...tipicamente patriarcalista...

Edelcio: ...sim, claro. Na realidade as próprias minorias que sofrem o problema acabam projetando a sociedade de uma maneira muito mais estratificada. É muito comum a gente encontrar no meio homossexual um reacionarismo com relação a qualquer modificação social - na medida em que isto representa uma ameaça áquele pequeno status adquirido e aquela pequena vida agradável, a sombra que se consegue desfrutar. Isto é, da classe média pra cima.

O tema dos privilégios

Jean Claude: Pode-se tentar ampliar o que o Edelcio está colocando. É que os movimentos de emancipação das faixas estigmatizadas da sociedade não podem estar imunes aos problemas gerais da sociedade, em termos de comportamento global político, seja patriarcal, seja luta de classes, etc. Dentro desses movimentos reencontram-se, às vezes de modo até mais agudo, problemas e comportamentos da sociedade geral. Você cita que o machismo existe na faixa homossexual. O machismo existe não apenas em relação às mulheres, ele existe também nos homossexuais entre si. Ele existe entre mulheres, na faixa homossexual.

Inês: E até não homossexual.

Jean Claude: Essas faixas estigmatizadas tendem a reproduzir certas características da sociedade global. Às vezes radicalizando e às vezes, como disse o Edelcio, como forma de preservação de um mínimo de conquista. Além disso, eu não acredito que haja atualmente no Brasil (em termos homossexuais eu tenho certeza, em termos de negros eu tenho dúvida) realmente movimentos de emancipação. Tenho a impressão de que existem movimentos de emancipação da classe média.

Trevisan: Nem isso - apenas um movimento de auto-identificação: um movimento de tomada de consciência individual de um problema de grupo.

Jean Claude: Mas numa certa faixa das classes sociais. O que você pode verificar nos meios homossexuais é que é uma certa classe que começa a ter acesso a um certo tipo de consumo, a um certo tipo de comportamento, até um certo tipo de liberalismo... mas que aquilo não diz respeito ao conjunto da sociedade. Um grupo desse tipo tem que defender, digamos, as suas prerrogativas, o seu lugar ao sol. Também defende os seus interesses de classe, em termos de status, de poder, de poder aquisitivo. Em relação aos negros me pergunto se a mesma coisa também não estaria acontecendo, através da formação de uma classe média intelectualizada negra. Hoje, eles dizem, estamos ligados aos negros da família, aos negros da favela. Inclusive porque eles têm ainda membros da família, muitas vezes os pais, que estiveram na favela, ou próximo a isso. Mas eles estão caminhando para as universidades, se encaminhando enfim pra novas áreas da sociedade capitalista. Daqui a pouco é bem possível que eles esquemam o que estão dizendo hoje e simplesmente constituam um novo segmento da classe média. As "minorias", para realmente exercerem uma atuação política, tanto em termos de luta de classes quanto de patriarcado, etc., devem perceber que elementos essenciais da sociedade podem ser postos em xeque a partir da sua situação. Não se trata apenas de um lugar ao sol e de tolerância que se pode dar ao negro, à mulher, etc. Trata-se de colocar em cheque elementos básicos da sociedade.

Trevisan: Não sei em que momento a tua análise cai no lugar comum das esquerdas. Não consegui detectar onde. Você está colocando o problema de que é apenas uma classe média que está levantando essas bandeiras. Mas que alternativa temos? Fundar um departamento feminino, negro ou homossexual dentro de um partido socialista? Eu acho triste isso. Eu acho legítima a atuação de intelectuais de esquerda, de classe média. A esquerda está cheia de heterossexuais que são da classe média. Quero dar voz aos homossexuais da classe média também. Mais: também a homossexualidade na classe operária deve ser debatida. Os operários também são machistas, por que não? E isso tem que ser dito...

e isso tem que ser dito...